Diálogos sobre a afetividade

Ivan Capelatto










PAPIRUS

Karen Elia 2006

DIÁLOGOS SOBRE A AFETIVIDADE

Ivan Capelatto



>>

Sumário

Prefácio à segunda edição

Intimidade familiar

1. Família? O que é isso?

Família é o nosso lugar. Lugar de afetividade, de cuidado, de limite e de conflito. Lugar de amar, brigar, gritar, reparar, pedir desculpas, beijar, abraçar. Lugar para criar raízes e asas.
Nós nos preparamos para fazer tudo na vida: se eu quero ser chefe na minha empresa, faço um curso; se eu quero ser médico, faço seis anos de faculdade, mais dois de residência. Mas não nos ensinam a ser pai e mãe. E um filho é para sempre.

Família é afetividade, que é conflito

A afetividade é o maior conflito humano, porque envolve o seguinte: eu amo muito o meu filho e é com ele que eu mais brigo. Acontece com você?

A vovó deixa...

Os avós devem ser para os netos exatamente o que os pais não devem se tornar. Avós são aqueles que não precisam dar limites, que

praticam a contravenção saudável, que contam estórias. Era uma vez...

Irmãos e filho único

Irmãos são um vínculo à parte, irmãos têm de se entender e a melhor maneira de irmãos se entenderem é brigando. Os pais não devem intervir na relação de irmãos, porque se tornam juízes, e o juiz-pai é o pior juiz que existe no mundo.
A “mágica” de criar 1 ou 20 filhos é ser capaz de estabelecer limites. O que são limites? São atos de cuidado. Se acho que meu filho tem de dormir agora, ele vai dormir agora. Não existe certo e errado em educação, existe limite.

Pais separados e mudanças na família

Os pais podem se separar, mas continuar vivendo os papéis de pai e mãe, em respeito ao amor que têm pelo filho. Afinal, os filhos nascem do desejo dos pais.

2. Sociedade: Um montão de gente junta?

Nós não temos a ética do cuidado, não somos convidados a cuidar. Mas sociedade, pais e educadores precisam de clareza sobre seus desejos de terem filhos e de quererem cuidar de crianças e adolescentes. A sociedade tem de cuidar, a família tem de cuidar, a escola tem de cuidar, e cuidar significa fazer com que o sujeito pense em ser feliz.

Sociedade afetiva

A sociedade começa a rever a ideia de que a afetividade é um lugar importantíssimo na nossa vida e o papel do cuidador é fundamental na afetividade.

Sociedade angustiada

Análise sobre a sociedade que se droga, que abusa do álcool, que estimula a sexualidade precoce, que convive com a indiferença e que destruiu os mitos.

Família x escola?

Nota zero para essa briga. A escola é o quintal da casa, uma extensão da família, lugar também de prazer afetivo, onde a criança ou o adolescente encontrará pessoas preocupadas em colaborar com os pais na formação de um indivíduo saudável.

Adolescência pede ouvidos

Quando um jovem sai de madrugada pela rua buzinando, falando alto, isso se chama angústia e não prazer. Essa angústia é um pedido de cuidado. E todas as vezes que escutamos gritos, desordens e perversões, estamos escutando pedidos de cuidado.

3. Cuidados: Cuidar é...

Dar limites (e saber suportar frustração)

O limite é uma atitude de cuidado dos pais para com os filhos.
O limite cria a personalidade sadia.

Sem tempo para conviver com os filhos

Em cada época das nossas vidas, precisamos dos nossos pais de uma maneira diferente, mas os pais têm de pensar que, na hora em que termina o trabalho, eles têm de começar um novo trabalho:
o da convivência com os filhos, cuidando deles e oferecendo atenção, afeto e limites.

Aprendendo a amar

A primeira forma de amor ocorre entre 6 e 11 anos, é o amor homossexual. A segunda forma é heterossexual, o amor pela figura oposta, e a terceira é o amor solidário. A mais prazerosa é geralmente a que fica.

Quando pedir ajuda para cuidar?

A partir da página 107, você esclarece dúvidas como estresse na infância, falta de concentração na escola, como lidar com a imaginação da criançada e o momento em que o filho está apto a dormir sozinho.

4. E, para finalizar...

Cuidar é a palavra mágica para quem quer ter filho.
Cuidar é uma forma de tornar o outro importante. Quando a gente para de cuidar, mostra que o outro é indiferente. Todos nós precisamos de cuidado. A gente aprende a amar a partir do momento em que nasce e da maneira como vamos sendo cuidados pelas pessoas que nos desejaram. Temos de voltar a pensar que nós, os humanos, somos bichos que deixamos aos poucos o nosso instinto e temos de entrar no mundo da cultura e o mundo da cultura é o mundo do cuidado.
Os pais precisam sempre se lembrar de que os filhos não pedem para nascer. Eles são desejados pelos pais e, quando um pai deseja um filho, tem de assumi-lo pelo resto da vida. Pai não tem sossego, pai não tem férias, mas pai tem felicidade. Talvez não tenha muito prazer, mas tem felicidade. Qual é a felicidade de um pai? Imaginar que construiu um bom ser humano.

Para consultar

Quais são as fases do desenvolvimento da criança? E por que elas são tão importantes?

Sobre o autor

Outros livros do autor

Redes sociais

Créditos

Prefácio à segunda edição

Esta obra, em sua edição original, foi elaborada dentro das dependências da Universidade Estadual de Londrina, Paraná, mais precisamente dentro da Rádio Universidade FM de Londrina, no programa Entrevista 107, apresentado com toda a simpatia pela jornalista Patrícia Zanin e pelo jornalista Pedro Livoratti. Nos anos de 1999 e 2000, eu me apresentei para ser entrevistado durante vários meses, tendo a última sexta-feira de cada mês como minha sessão de entrevistas ao vivo, recebendo telefonemas dos ouvintes, que faziam suas perguntas e consultas. Isso me deixou maravilhado, pois nunca havia imaginado que tal meio de comunicação pudesse render tanta ciência e tanta audiência. A cada ida à UEL e a cada entrevista, rememorava meus grandes mestres que também se utilizavam deste veículo no século passado – estou me referindo a Françoise Dolto e Donald Woods Winnicott – e que respondiam a pais e educadores angustiados e ansiosos por respostas que lhes orientassem os sentidos para filhos e alunos. Dessas entrevistas, surgiu a ideia de um livro que pudesse reproduzir os diálogos travados naquelas manhãs e também, por mais que faltassem palavras para se alcançar o *status* de um bom livro, fazer chegar a outros pais e outros educadores as ideias que coloquei no ar durante aquelas sessões.

Agora, nesta segunda edição, continuo meus agradecimentos à UEL e à sua Rádio Universitária; à jornalista Patrícia Zanin e ao seu colega Pedro Livoratti; à psicóloga Eliana Louvison e sua equipe, na época a

ONG Vir a Ser e aos ouvintes e “falantes” que conversaram comigo e confiaram em minhas palavras e em minha ciência.

O objetivo desta segunda edição é reproduzir, com pequenas modificações, a edição original e produzir nos pais e educadores o mesmo efeito que a edição primeira produziu, isto é, responder algumas questões e produzir reflexões a respeito de nossas relações com os nossos filhos e alunos.

Intimidade familiar

Falar sobre família é falar da instituição mais “barulhenta” entre todas as que existem; é falar de um aglomerado de sujeitos humanos em que a única coisa que os liga é a afetividade. Afetividade é a dinâmica humana mais profunda e complexa que podemos experimentar; é a “loucura” das relações, tão difícil de compreender e aceitar. A afetividade se dinamiza a partir do momento em que um sujeito humano se liga a outro sujeito humano pelo amor. Amor é um sentimento único, mas que traz, no seu núcleo, um outro sentimento, complexo e profundo também, que é o “medo da perda”. Assim, quando começamos a amar, também começamos a temer a perda do ser amado; quanto mais o filho se desenvolve, cresce e começa a procurar sua vida própria, maior o medo dos pais de perdê-lo. Quanto maior é o amor entre o casal, maior o medo da separação, da perda, da morte. Esse medo, profundo e misterioso, vai ser o motor de outros sentimentos, como o ciúme, a raiva, o ódio etc. Assim, numa família normal, saudável, o amor entre seus membros vai ser proporcional ao medo e, nessa equação, vamos escutar os gritos, os pedidos, o desespero e, muitas vezes, as brigas que o medo vai gerar no seio da instituição mais importante da vida do homem sobre a Terra.

A afetividade mistura esses dois elementos: o amor e o medo de perder. Envolta no manto sagrado da preservação, da proteção e do cuidado, a afetividade vai produzir o “barulho” normal das famílias saudáveis, que é a dialética do “amor-medo”, em que os membros dessa

família vão se digladiar em nome do bem-estar e da continuidade da vida.

A intimidade familiar nos mostra que, a cada desejo de que o filho cresça e se torne autônomo e independente, existe um medo correspondente, até que se chega a um ponto em que desejo e medo se tornam iguais, já não há distinção entre um e outro. Assim, pais dedicados e cuidadosos, desejosos de que seus filhos cresçam e se tornem independentes, podem, em um outro momento, impedir que isso aconteça, sabotando ou boicotando os ideais dos filhos.

Tornar claro para nós mesmos que, em nome de um sentimento tão bonito, que é o amor, podemos agredir e sabotar aqueles a quem mais amamos, em virtude do medo da perda, é o trabalho mais importante para nosso crescimento. Saber e perceber que temos muito medo e que esse medo pode nos tornar agressivos, nervosos, ciumentos e, às vezes, doentes e que podemos agredir e ofender as pessoas que mais amamos é a tarefa a ser realizada, diariamente, na intimidade mais básica do casal e nas instituições que ajudam as famílias a compreender melhor sua identidade.

Terapias de família, religião, grupos que integram casais e outros mecanismos de ajuda são sempre bem-vindos, mas o mais importante é a consciência de que uma família é formada por escolhas (o casal se escolhe e escolhe ser pai e mãe dos filhos) e somente o amor pode dar sustento à escolha. Portanto, temo imaginar que aqueles a quem escolhi, em nome de algo tão sublime como o amor, eu posso perder; assim, meu inconsciente cria mecanismos de “proteção à perda”, desencadeados pelo medo.

Não devemos jamais nos confundir diante da “loucura” que a afetividade nos proporciona constantemente: a confusão entre “ser

saudável” e viver os conflitos que o amor traz e “ser indiferente” e evitar os conflitos. Quem evita os conflitos da afetividade evita também o amor. Saber perdoar a crise do companheiro medroso e saber ouvir o filho que não aceita o medo dos pais é o maior sinal do nosso crescimento no seio da família.

Pensar que esse “barulho” forte e intenso é um sinal de vida e amor é descobrir que amar não é um “mar de rosas” nem um romance de sussurros e carinhos, mas uma avalanche de gritos, queixas, pedidos, xingamentos e, após essa vivência vulcânica, a possibilidade de pedir desculpas, aceitar desculpas, beijar, abraçar, chorar, se necessário, e rir da experiência maior da vida que é saber amar.

Ivan Roberto Capelatto
Setembro de 2001

1. Família? O que é isso?

Família é afetividade, que é conflito

> O que é ser família e quais são os conflitos que a envolvem?

Ivan Capelatto: O que é a família? A família é um conjunto de pessoas que se unem pelo desejo de estar juntas, por uma dinâmica chamada afetividade. E a afetividade é o maior conflito humano, porque envolve o seguinte: eu amo muito o meu filho e é com ele que mais brigo. É preciso suportar esse conflito, compreender esse conflito, porque sabemos que, quando brigamos em casa, isso é sinal de amor, que podemos brigar, gritar e depois reparar, pedir desculpas, beijar, abraçar. É o conflito que nos mantém vivos.

Precisamos ter sempre clara em nossa cabeça essa ideia muito séria e, às vezes, difícil de entender, que é o conflito. Costumo dizer aos pais: imaginem que todos nós vivêssemos muito bem, como anjos, que fôssemos felizes o tempo todo, que não precisássemos cuidar de nada e de ninguém, não precisássemos comer, nem fazer cocô, nem xixi, nem sexo, nem dormir e nem escovar os dentes. Estaríamos mortos, porque perderíamos a razão da vida, que é o conflito.

Quando os pais, para evitar o conflito começam a deixar os filhos fazerem o que querem, terem autonomia – que, na verdade, não é autonomia –, começam a lidar com a morte. A ausência de conflito é a morte. Quando, para escapar de sua angústia, um jovem bebe álcool,

usa droga, corre com o carro para sentir a adrenalina, enfim, foge do conflito com uma mudança cerebral, ele entra num processo de morte que chamamos de *instinto de morte*. Todas as vezes que escapamos dos conflitos sem tentar resolvê-los, começamos a morrer. Por isso, temos hoje tanta depressão na sociedade e depressão entre jovens e crianças. É porque os pais, às vezes, para evitar conflitos com os filhos, não impõem limites.

Limites são cuidados, cuidados geram conflitos e temos de lembrar que o maior significado da vida é o conflito. Todo dia, temos de ter conflito. Quando passamos um dia sem conflito, é preciso arranjar um, porque senão começamos a morrer. Basta ver as férias. Algumas pessoas adoecem nas férias, outras ficam irritadas quando saem de férias, porque acabou o conflito, o conflito do trabalho. Essa pessoa precisa criar um outro conflito e, às vezes, começa a implicar com o filho, com o marido, com a sujeira da casa. Os homens, quando se aposentam, às vezes, ficam irritantes, querem arrumar tudo em casa, pintar paredes, brigam com a mulher porque há coisas fora do lugar. Tudo porque acabou o conflito no trabalho. O ser humano não pode viver sem conflito. Só anjo – se é que ele existe – vive sem conflito.

> Como podemos conviver com tantas transformações e conflitos na família e, ainda assim, garantir a constituição da identidade do filho como indivíduo, formando-o para a vida?

– É complicado responder isso em poucas palavras, mas para que se tenha uma ideia, a base do ser humano, ou melhor, a base para que uma pessoa se torne um ser humano são exatamente as referências que ela

tem na vida. As referências só se constituem de forma afetiva. Não existem referências sociais para uma criança. As referências que ela usa para poder se ver, para poder se tornar um *eu pensante*, um *eu falante*, são referências afetivas. As referências afetivas são pessoas, são palavras e gestos que os outros usam na vida e que vão, de alguma forma, transformar-se em relação de cuidado ou de descuido para com a criança. A leitura que a criança faz desses gestos e dessas palavras, desses atos do adulto, seu cuidador, é que vai desencadear o processo psicológico que chamamos de identidade ou formação de identidade. Então, é na afetividade, isto é, na maneira como se fazem os vínculos entre o adulto e a criança que a identidade vai ser favorecida ou não.

> Em uma de suas palestras, você disse que a família dá “asas e raízes”. Gostaríamos que explicasse melhor o que isso quer dizer.

– Asas e raízes são partes diferentes de objetos diferentes. As raízes são partes da planta que tiram do solo alimento e sustentação. As asas podem ser partes de animais ou objetos e são símbolo fundamental da liberdade e da autonomia. E esta é a função mais importante dos pais: fazer com que os filhos tenham raízes na família e possam ter asas também. Quer dizer, a família superpõe essas duas ideias e é nela que buscamos uma referência, nossas raízes. E essa referência do sujeito é igual em qualquer lugar do mundo: é a referência afetiva. Pai, mãe ou alguém que substitua pai e mãe. Já a autonomia, são as asas.

O filho é o sujeito que tem de ir aos poucos se libertando dos pais, mas não das raízes. Sempre temos de ter para onde voltar e sempre voltamos para o lugar afetivo. Por isso, a função fundamental da família

é ser raiz e, ao mesmo tempo, oferecer oportunidade de autonomia, sabendo que essa relação nunca se cinde, nunca se quebra, nunca se separa. Precisamos ter asas e raízes, ou seja, voar com os pés no chão.

O que tem acontecido é que os pais começaram a criar um mito muito perigoso, que é a ideia da liberdade. Eles não têm dado raízes e não têm dado asas. Têm praticado uma coisa perigosa chamada negligência, que é, às vezes, ter um filho de nove anos e não saber onde ele está ou um menino de 15 anos e não conseguir mostrar limites para ele, não conseguir saber o que ele faz, com quem está, onde vai, o que pensa a respeito da vida.

Atualmente, os pais imaginam que os filhos, por já saberem tanto sobre a vida, são capazes de se cuidar. Sabemos que uma pessoa só é capaz de se cuidar a partir dos 21 anos de idade, quando o cérebro amadurece. Então, até os 21 anos, precisamos de raízes. A negligência a que me referi antes quer dizer: “Mãe, eu vou sair.” Ao que a mãe responde: “Tá bom!”.

A negligência não é nem raiz nem asa. A negligência é abandono. É um filho sem asas que pensa que está voando; daí, ele cai.

> Na sua opinião, em que idade o filho precisa mais da mãe?

– Quanto mais velho, mais ele precisa de mãe. Assim, quando for casado, tiver filhos, ainda precisará de mãe. O tempo todo os filhos precisam das mães, precisam de cuidado. Todos temos de ter referência. Quando não temos referência na família, buscamos fora. Nenhum de nós é divino o suficiente, ou Deus, para poder ficar sem referência.

> Quais as consequências, para a criança, quando o pai fala uma coisa e a mãe fala outra?

– Quando o pai fala uma coisa e a mãe fala outra, ocorrem dois problemas: a criança vai começar a se aliar a quem dá menos limite e também a se sentir culpada em relação àquele que dá limite. Temos um duplo problema e, por isso, os pais precisam tomar cuidado.

> Um pai pergunta: como participar da vida dos filhos depois de uma jornada de 12 horas de trabalho?

– Lembrem-se de que seus filhos nasceram por desejo, portanto, o cansaço vai ter de ficar de lado. Geralmente, solicito aos pais que passam o dia fora que peçam aos filhos de sete a 11 anos que deixem para fazer suas lições na hora em que os pais chegarem em casa, para que tenham tempo de brigar um pouco com os filhos. Essa relação é importantíssima.

Não podemos chegar em casa e imaginar que o filho vai ficar bem, porque quem ama, quem está vivo, precisa ser cuidado. Às vezes, nossos filhos não perdoam nosso cansaço, porque eles não têm culpa dele. Eles nos querem e, para pedir nossa presença, desobedecem, quebram coisas, não querem comer, não querem dormir. É a maneira de pedir a nossa presença. Então, para quem tem filho, o cansaço não pode ser maior que o cuidado.

> Uma mãe diz que sente vergonha de dar carinho aos filhos e pergunta: o que poderia estar causando esse bloqueio? Será que é influência de problemas anteriores, como ter tido pais separados?

– O que causa o bloqueio em nós é sempre o medo. Ela está falando em vergonha de dar carinho aos filhos, só que, na verdade, isso é medo.

Pessoas com histórias como essa, que é parecida com a minha também, às vezes têm medo de fazer o filho perceber o amor e, depois, isso ser interrompido de alguma forma, como foi interrompido na vida dessa mãe e na minha também. Quer dizer, há um apego, há uma afetividade enorme e, de repente, o pai vai embora, a mãe se separa, isso dá medo.

Talvez, inconscientemente, tenhamos medo de repetir na vida dos filhos o que aconteceu na nossa. Mas temos de imaginar que, se tivemos coragem para trazer filhos ao mundo, é porque nosso bloqueio não é tão grande assim. Eles são nossos filhos e sempre serão. Se, um dia, um deles deitar no divã de um psicanalista, a primeira pessoa de quem ele vai falar é da mãe. Que ela, então, pense no seguinte: sou muito importante para meus filhos.

Acho que o cuidado e o carinho têm de ser maiores que a história da mãe, que seu passado. Se ela não conseguir pensar nisso sozinha, que peça ajuda. Nas universidades e faculdades de psicologia, existem clínicas de atendimento. Existem bons psicólogos, pessoas que podem nos ajudar a quebrar esse bloqueio. Gostaria de frisar o seguinte: por maior que seja o bloqueio, aquela mãe teve coragem de trazer filhos ao mundo, o que significa que não está tão lesada assim. Precisamos dar

carinho, entregar-nos. Mesmo sentindo vergonha, pensemos que o que nossos filhos precisam de nós é maior do que o que perdemos na vida.

> Que impactos os exemplos negativos podem ter na formação das crianças?

– Apesar de os pais cometerem alguns erros, nem sempre o filho segue seu exemplo. Uma situação comum ocorre com o filho de um pai fumante. Se tiver um tio de quem goste muito e que não fume, consegue usá-lo como referência. Às vezes, o filho tem um pai que bebe, mas detesta bebida e se liga muito ao avô, que também não bebe.

O que a gente não pode é deixar o filho em conflito. Dizer, por exemplo: “Olha, filho, vou me matar, mas você não faça isso”. É preciso tomar cuidado com essa história. Pais não são exemplos. São figuras importantíssimas para um filho. E, quando um pai não se cuida e quer cuidar do filho, fica muito difícil. A história de vida de um pai ou de uma mãe, quando estes são referências para os filhos, pode se tornar também ela, a história, um ponto importante para o futuro desse filho; então, dizer “não faça o que eu faço” pode significar um pedido de repetição da mesma história.

> Um pai conta que é fumante e pergunta que tipo de postura deve adotar diante do filho em relação ao vício.

– Seria importante saber a idade do filho, visto que a percepção e a reação da criança variam de acordo com a fase do desenvolvimento

psicológico em que se encontra. Vamos supor que o filho tenha menos de 11 anos. Nesse caso, provavelmente, vai ficar insistindo para o pai parar de fumar, porque escutou na escola que fumar faz mal. Se o pai continuar fumando, o filho pode interpretar isso como falta de amor do pai, por não atender a seu pedido. Imaginemos o que pode passar pela cabeça de uma criança que percebe que o pai está se matando: vai ficar sem proteção paterna, porque o pai não atende a um pedido seu. O filho está numa fase do desenvolvimento psicológico em que predomina o desejo de ser muito importante para o pai e perdê-lo para um cigarro é uma ideia terrível.

Mas, se o filho tem mais de 11 anos, a coisa muda de figura. A palavra do pai já não vale mais. Se ele disser para um adolescente que fumar é errado e fumar, estará dizendo que podemos fazer coisas erradas, mesmo que não concordemos. É uma autorização para outras coisas. Não sei como ajudar um pai a resolver isso. As minhas perguntas são: você gosta de fumar? Você depende do cigarro? Você já pensou alguma vez em parar de fumar pensando no seu filho, por exemplo? É preciso que o pai analise como é que está tratando a história do cigarro, porque imagine só um adulto dizendo que fumar é errado e fumando. Fica complicado.

> Outro pai diz se lembrar de um caso ocorrido na década de 1980, no Paraná, quando um menino, muito amado e cuidado pela família, cresceu e matou o pai, a mãe e o irmão. Como é que você analisa isso?

– Não conheço o caso, mas gostaria de saber se esse menino foi mesmo cuidado. Às vezes, os pais fazem de tudo para os filhos, mas não dão limite. Muitas pessoas interpretam que a família cuidou bem porque deu tudo o que a criança queria. Cuidar bem nem sempre significa deixar a criança satisfeita todo o tempo, o tempo todo, pois isso pode criar para a criança a ilusão de que o mundo sempre será assim para ela; quando surgir a primeira grande frustração, ela pode se desesperar e se machucar ou machucar os outros. Gostaria de saber mais sobre o caso, porque uma pessoa muito bem cuidada é uma pessoa cheia de limites, que não pode dormir depois da hora, não pode ficar vendo televisão depois do horário combinado, não pode ficar sem escovar os dentes e nem sair de casa sem a mãe autorizar. Preciso saber um pouquinho da história desse menino, se esse "muito bem cuidado" a que você se referiu é um muito bem cuidado do jeito que nós estamos falando ou é bem cuidado no sentido de todo mundo ter feito o que ele queria. Se for desta última forma, repito, podemos criar um assassino.

Existe diferença entre ter sido criado com limites e criado como rei. Para o rei, não existem regras, porque é ele quem faz as regras. Então, esse menino pode ter resolvido matar todo mundo. Pode ter ficado doente, com a cabeça muito ruim. Uma pessoa que tem cuidados está cheia de limites, jamais mata o pai e a mãe, jamais mata alguém e jamais se mata.

A vovó deixa...

> Uma professora questiona: você acha que os avós contribuem ou não para a educação dos netos?

– Antigamente, os avós contribuíam maravilhosamente para a formação das crianças. Eu me lembro muito da importância dos avós, das avós materna e paterna, que recebiam os netos em casa, à beira do fogão a lenha e contavam histórias importantes para a formação das crianças. A história contada, a história afetiva contribui para a formação de um aparelho muito importante do nosso psiquismo, chamado superego. É quando aprendemos as antíteses da vida: certo e errado, bom e mau.

As avós eram promotoras de tudo isso. Aos domingos, os netos iam comer na casa dos avós, que mostravam a importância da comida, falavam sobre o que significava o alimento, falavam das datas, da importância dos aniversários e de tudo mais. Hoje, os avós moram longe dos netos. Em busca de um trabalho melhor, geralmente, os filhos se afastam da sua cidade de origem, vão morar longe e o contato dos avós com os netos diminui muito. E como são muito frequentes as separações, a avó deixa de ser avó, passa a ser a sogra da mãe, a sogra do pai e isso também as afasta e todos temos perdido muito.

A função dos avós é se tornar para os netos exatamente aquilo que os pais não devem se tornar. Os avós são aqueles com quem temos

cumplicidade, aqueles que não precisam dar limites, aqueles que praticam a contravenção saudável e fazem com que os netos se apeguem a eles de igual para igual. Por isso, é importante ter na família aquele tio, aquele avô, aquela avó com quem a criança possa fazer essa contravenção dos limites, que é o papel que não queremos que os pais desempenhem. Mas hoje, infelizmente, pelo menos nas grandes capitais, nos grandes centros urbanos, temos visto desaparecer rapidamente a figura dos avós, que acho muito necessária para nossa vida afetiva.

> Você fala que avós e tios podem transgredir. Isso não interfere na autoridade dos pais?

– Não na autoridade de pais que sabem discernir o limite entre seu próprio papel de filho e seu papel de pai. Na casa dos avós, o limite é o desejo deles. Na casa do papai e da mamãe, deve prevalecer o desejo desse papai e dessa mamãe. Para vovôs e vovós, também vale o alerta sobre o respeito ao papel dos pais diante do filho.

> Você salienta que é muito importante o papel da história infantil na formação da identidade de uma criança. Que papel é esse?

– A história infantil é uma necessidade humana, pois vivemos de símbolos. Ela foi provavelmente organizada por pessoas muito sensíveis, que perceberam a necessidade do simbolismo na vida humana. Hoje, temos um conhecimento muito profundo da história infantil. E estamos falando de contar história e não de ver um vídeo, que

é diferente, só visual. A história tem de ser contada por alguém ligado a nós afetivamente. Tem de haver sentimento presente nela.

O que faz a história? Conta as realidades da vida de maneira simbólica. Sempre fala de antítese, certo e errado, bom e mau, morte e vida. A história mostra à criança que o adulto mente, que o adulto trai. Lembra da Branca de Neve, da Cinderela? A história mostra para a criança a questão da ética, da moral, da fidelidade ao amigo, da fidelidade à crença. Quando é contada por alguém afetivo, marca a vida de quem a ouve.

Imaginemos, por exemplo, o que significa aquela história do Patinho Feio, que espero que todo mundo se lembre ou já tenha ouvido. O pré-adolescente se sente feio, desvalorizado, inferiorizado; quando escuta a história do Patinho Feio contada pela avó, pelo tio, pelo irmão mais velho, ele se organiza, percebendo que existe um futuro e que, nesse futuro, algum valor dele vai aparecer. A história infantil vem preencher um vazio em nós, que é a falta de compreensão do sentido da vida. Nas histórias, encontramos a possibilidade de sair das crises de angústia, do sofrimento gerado pelas perdas.

Vivemos de sentimentos, de valores. Não vivemos de realidade. Se não tivéssemos nos tornado humanos, se fôssemos bichos, hoje estaríamos caçando, preservando o mato, a água, porque sabemos da importância disso tudo. Como vivemos de símbolos, não ligamos mais para o real; a história infantil traz esse real no simbólico, quer dizer, o movimento inverso. Por isso, é muito importante que as pessoas escutem histórias, mesmo adultas. Se formos a uma igreja, de uma religião qualquer, observaremos que o pastor ou o padre contam histórias e todo mundo presta atenção. A história religa o símbolo à realidade.

> Mas a história contém momentos de violência. Existem histórias de bruxo, de sangue, histórias que preocupam os pais. Além disso, as crianças estão assistindo muito à TV, onde a violência também está muito presente. Como é que se lida com isso?

– Quando um pai se senta na beira da cama com o filho e conta uma história de violência, ele conta a ligação entre a realidade e o símbolo. A realidade é a simples descrição do fato e o símbolo abrange o sentimento que esse fato representa. Quando o pai conta que o lobo mau comeu a vovozinha, expressando no tom de voz e na fisionomia o seu desagravo, passa para o filho o símbolo da inadequação de tal fato. Quando uma criança assiste à TV e vê a violência, ela não vê o símbolo, ela só vê o real e não sabe lidar com isso. As consequências podem ser muito ruins. Então, sempre digo aos pais: se têm TV em casa – seria melhor não ter – assistam junto com seus filhos, para, quando terminar o noticiário ou o filme, poderem fazer comentários, contar histórias sobre o mesmo assunto e dizer o que pensam a respeito, para que aquilo se torne também uma coisa simbólica e não apenas uma realidade. Aqui, seria importante ressaltar o seguinte: tudo que o cérebro recebe ele trata como realidade. Quando recebe um filme de TV, de vídeo, vive aquilo como real. A mente não, mas o cérebro sim. Tanto que algumas crianças, quando assistem a algum filme de suspense ou de terror, passam a ter medo mesmo sabendo que aquilo é um filme, porque o cérebro não sabe. A mente sabe, mas o cérebro não.

Assim, quando um pai, uma mãe ou uma avó conta uma história de terror, a criança passa a ter um medo saboroso, porque existe nela um componente importante, que é a afetividade. A afetividade faz com que

o simbolismo da violência não vire violência. A coisa funciona mais ou menos assim: falar de morte é uma coisa, posso falar de morte e de como ela é ruim, já ver a morte na televisão é torná-la banal. Posso falar como a morte nos tira coisas preciosas, como alguém sofre quando morre alguém querido. Mas, quando vejo na TV aquele detetive dando tiro em todo mundo, não se fala das pessoas que sofrem com aquilo. Ao simbolizar a morte numa história, numa fala, na narração de algum fato, mostro o meu sentimento junto. Não há sentimento algum na morte na TV, no filme, no noticiário.

Irmãos e filho único

> Uma mãe de três filhos homens diz que o filho do meio odeia o mais novo. Como resolver o relacionamento difícil entre irmãos?

– Acho que seria bom procurar ajuda de um psicólogo, porque irmãos não têm motivos para se odiar. Têm motivos para sentir ciúmes, para brigar muito. Podem passar a se odiar quando os pais interferem na relação entre eles. Por exemplo, existem pais que obrigam o filho mais velho a dar o brinquedo com que está brincando para o mais novo, porque o menor está chorando. Isso é interferir na relação. Outro exemplo, pais que batem no filho mais velho, porque ele bateu no irmão mais novo. Jamais devemos interferir na relação entre irmãos, quando interferimos, causamos problemas. Se há ódio entre irmãos, os filhos precisam de ajuda e a mãe também deve ser orientada.

> Um senhor conta que é pai de dois filhos de idades diferentes, de dois casamentos diferentes. Como lidar com o relacionamento entre eles? E com o novo relacionamento?

– Não vou falar a respeito dos dois casamentos, e sim a respeito dos filhos. Queria lembrar o seguinte: esse homem é pai de filhos, mas não é pai de irmãos. Então, ele tem de deixar que os filhos sintam ciúme um do outro, que se queixem, que imaginem que o pai dá mais atenção para o outro. Mas não deve responder a isso, porque essa relação pertence aos filhos e não ao pai. A esposa atual também não deve interferir. O que pertence aos irmãos é sagrado, ninguém pode intervir, não importa que idade eles tenham.

Então, podemos perguntar: “Puxa, mas e se eles brigarem e começarem a se bater?”. Os pais se trancam no banheiro, tampam os ouvidos e deixam uma caixa de primeiros socorros à mão, mas não interferem. Quando o pai intervém na relação dos filhos, deixa de ser pai e passa a ser juiz. E o juiz-pai é o pior juiz que existe no mundo. Ele é sempre injusto com alguém. O que pertence aos filhos como irmãos não pertence a nós como pais.

Recomendo que procuremos manter nossos filhos dormindo no mesmo quarto, dividindo os mesmos espaços. Lembremos de, quando chegar a época do aniversário de um filho, consultá-lo sobre o que ele quer ganhar. No aniversário do outro, façamos o mesmo, mas nunca nos preocupemos se estamos dando mais para um do que para outro, porque isso é inevitável. Se temos dois filhos, um só tira 10 na escola e o outro só tira 4, para quem damos mais atenção? Se temos dois filhos, um é alérgico, vive precisando de remédio, de socorro, enquanto o outro tem saúde, para quem damos mais atenção? Então, lembremos que existe sempre uma injustiça divina, uma injustiça saudável, de nós, pais, em relação aos nossos filhos, que depende da necessidade de cada um deles.

> Você diz para os pais não interferirem na relação entre irmãos, mas o que percebemos é que, geralmente, os pais se metem nas brigas e desavenças entre irmãos.

– A primeira coisa é lembrar que pais têm filhos, pais são pais de filhos, não são pais de irmãos. Irmãos são um vínculo à parte, irmãos têm de se entender e a melhor maneira de irmãos se entenderem é brigando. O conflito é uma relação de amor.

O problema é que, em uma sociedade como a nossa, que toma remédio para tudo, que não aguenta a dor, que tem de beber cerveja todo dia, que não suporta a angústia, é muito difícil os pais olharem para os irmãos brigando e imaginarem que aquilo é bom. Briga é grito, mordida, beliscão, uma criança joga coisas na outra. Mas os pais precisam lembrar que isso é normal e é saudável.

> Mesmo quando há tapas e hematomas?

– Com hematomas e tudo. Peço aos pais que se escondam no banheiro até acabar a briga. Depois, chamem o pronto-socorro. Na segunda vez, não vai acontecer. Isso acontece por causa da interferência dos pais, porque, quando os pais interferem na briga entre irmãos, não interferem como pais, mas como juízes e eu já disse que pais são maus juízes. Sempre um filho acha que foi lesado e isso aumenta a raiva que ele sente do irmão.

O que sabemos, o que as pesquisas têm nos mostrado, é que, quando os pais permitem que os irmãos tenham seus conflitos, eles se tornam muito amigos depois de crescidos. Quando os pais interferem, os irmãos se afastam quando adultos.

> Você diz que os pais não devem interferir nas brigas entre irmãos, que os desentendimentos são normais e até importantes para o amadurecimento do ser humano, mas o que fazer quando a diferença de idade é grande? A preocupação é com a integridade física do menor, já que diariamente ocorrem disputa por espaço e ciúmes que terminam em agressão física.

– Repito que nunca devemos interferir nas brigas entre irmãos, no ciúme entre eles, nas disputas que eles têm. Essa é a forma afetiva deles de poderem se fazer pessoas. Sempre digo, também, que pais são pais de filhos, não são pais de irmãos, quer dizer, a irmandade, a fraternidade, pertence a eles. Nós não devemos interferir.

Se a relação entre irmãos chegou onde chegou, com agressão física, fico imaginando que já deve ter havido muitas interferências. Mesmo assim, proponho aos pais que se afastem dos filhos quando estes estiverem brigando, até que eles mesmos percebam que o menor está em desvantagem física e que vai ter de aprender a escapar do irmão mais velho.

Lembremos que não é só o grandão que bate no pequeno. Se prestarmos bem a atenção, vamos ver que o pequeno provoca, porque

sabe que alguém vai interferir. Então, os pais podem chamar os filhos e dizer que, dali em diante, não vão mais interferir nas brigas e eles que se virem. O pequeno também vai perceber que vai ter de se controlar em relação ao irmão mais velho.

> A mãe de um filho único está preocupada com o fato de ter só uma criança e quer saber qual é a “magia”, o “segredo” para criar filho único sem que ele se transforme em uma pessoa egocêntrica e individualista.

– Havia uma polêmica muito grande antigamente na educação e na psicologia a respeito do filho único – a saga do filho único. Começamos a compreender essa história da seguinte maneira: o filho único, por ser único, recebia pouquíssimos limites, era contemplado como um deus. Tinha a atenção dos avós e, às vezes, ainda tinha o azar de ser neto único, sobrinho único. Era motivo de prazer para toda a família. O filho único sem limite se tornava um ditador, um déspota e começava a submeter todo mundo aos seus caprichos. Só que as pessoas se esqueciam de que ele crescia e, conforme se tornava adolescente, ia pedindo mais e mais coisas. E todo mundo começava a se afastar dele e a sentir, então, uma espécie de asco, de raiva, de desgosto em relação a ele.

Hoje, sabemos que esse filho não ficava assim por ser único, e sim por não ter limites. A “mágica” de se criar um filho único ou 20 filhos é poder colocar os limites. O que são limites? São atos de cuidado. Se acho que meu filho tem de dormir agora, ele vai dormir agora. Não existe certo e errado em educação. Existe limite. Cada um vai cuidar do

seu filho à sua maneira, da maneira que sua história permite. Mas tem de haver o cuidado. Quando uma mãe se preocupa com o filho – que vai sair com os amigos e ela quer saber a que horas ele vai chegar e aonde ele vai –, isso se chama cuidado. O cuidado sempre é chato, mas é fundamental para que haja saúde mental na vida humana.

> A mãe de uma filha única diz que é muito cobrada pelos outros por não ter outros filhos. Como você fala bastante sobre a importância dos irmãos, ela pede que comente esse assunto.

– Não falei que é importante ter irmãos. Falei que é importante deixar os irmãos – quando existem – brigarem, terem conflitos. Os pais não têm a obrigação de dar irmãos ao filho único. Filhos são filhos e os pais devem tomar cuidado para não se transformarem em irmãos. Alguns pais de filhos únicos ficam com tanta pena do filho ser único que começam a agir como se fossem irmãos dele. Desejar ter outro filho, tudo bem, mas pais não podem ter desejos de ter irmãos para os filhos. Ninguém pode gerar um filho para ser irmão do filho que já tem. Isso é muito perigoso.

> Uma mãe quer saber: você é a favor de que os pais deixem os irmãos dormindo no mesmo quarto, compartilhando das mesmas coisas?

– Recomendo que eles percebam o espaço vital de cada um. Se os pais não interferirem, isso trará, no futuro, respeito, solidariedade, parceria. Quando interferem, os pais “matam” isso. Gostaria que os pais

pensassem assim: a relação entre irmãos é uma relação sagrada, na qual ninguém pode interferir. É no conflito da infância e da adolescência que os irmãos aprendem a se amar. Se os pais interferirem, matam esse amor e os irmãos ficam indiferentes um ao outro no futuro. Irmãos amigos são os melhores amigos que pode haver. Se os pais acreditarem que podem suportar os gritos durante alguns anos, na infância e na adolescência dos filhos, e imaginarem que, no futuro, vão deixar uma boa herança, que seus filhos serão irmãos que se cuidam, acho que vale a pena o sacrifício.

> O questionamento é de uma mãe que tem três filhos: um de sete anos, outro de um ano e três meses e o terceiro, recém-nascido. Será que todos podem dormir no mesmo quarto? É necessário algum cuidado especial com o mais velho?

– É claro que eles podem – e devem – dormir no mesmo quarto. Digo aos pais que, se puderem, mantenham os filhos sempre no mesmo quarto. É a maneira de os irmãos aprenderem a compartilhar espaço, aprenderem respeito um pelo outro, desde que os pais não interfiram.

A mãe não deve ficar muito preocupada com a diferença de idade. Pode manter os filhos no mesmo quarto e lembrar-se: daqui a pouco, o pequenininho ou o nenê vai chorar e acordar os outros dois, mas é verdade que eles têm um irmãozinho e é verdade que eles vão ter de repartir a vida deles com esse irmãozinho.

Você também perguntou se, com o nascimento dos dois menores, é necessário algum cuidado com o de sete anos. Sim, é necessário o

seguinte cuidado: se os pais tiverem fotografias de quando o filho de sete anos era bebê, que mostrem a ele como foi seu primeiro aniversário, mostrem foto dele com o avô, a avó, com o pai, com a mãe e digam sempre que cuidaram dele da mesma maneira que estão cuidando do filho de um ano e três meses e do nenê que acabou de nascer. O filho de sete anos precisa sentir que a sua memória, a memória do pai, da avó é capaz de contar que ele foi tratado do mesmo jeito. Às vezes, até de um jeito melhor, por ter sido o primeiro filho. Isso diminui muito o ciúme do mais velho em relação aos irmãos mais novos.

E, se o filho de sete anos é menino, o pai deve se aproximar bastante dele, porque essa é a idade de se "apaixonar" pelo pai. Seria bom que o pai dedicasse mais tempo a esse filho do que aos dois pequenos, pois a relação com o pai do mesmo sexo é muito importante na fase em que ele está.

> Uma mãe quer aproximar dois irmãos adultos de 20 e 26 anos que não conversam um com o outro. Ela diz que, quando os dois eram pequenos, sempre interferia nas brigas deles.

– A resposta está na própria pergunta. Isso reforça o que falei antes. Quando os pais interferem na briga de irmãos, geralmente, no futuro, esses irmãos deixam de ser amigos. Se são dois filhos homens e se há um pai, talvez este possa ajudá-los e não a mãe, porque esta vai ajudá-los como uma mãe angustiada e isso não vai ser bom. Às vezes, os filhos podem tentar se aproximar só para a mãe ficar feliz e essa não vai ser uma aproximação boa.

Recomendo, se há um pai e se são dois filhos homens, que o pai converse com eles e veja qual é o motivo de não se gostarem, de não se aproximarem. Então, o pai deve fazer a pergunta derradeira: se há algum desejo deles de se reaproximarem. Se não houver desejo, recomendo que não se force, porque a raiva pode aumentar. Lembremos que o desejo é da mãe; é preciso verificar se os filhos têm o desejo de se reaproximar. Às vezes têm, está faltando uma oportunidade e ela pode surgir em uma pequena conversa do pai com eles.

Pais separados e mudanças na família

> O caso é de uma criança que tem pais separados desde recém-nascida e sofre rejeição por parte do pai. A mãe quer saber: a criança pode sofrer algum tipo de problema psicológico por causa da separação e da rejeição?

– Vou separar a resposta em dois momentos. O primeiro é sobre separação. Existem casais separados, mas os pais não precisam se separar. Quando os pais se separam, eles não se separam como casal, eles se separam do filho, que é o caso de que estamos falando. Os pais podem se separar, mas continuar vivendo seus papéis de pai e mãe; podem combinar isso, em respeito ao amor que têm pelo filho. Quando existe uma separação de pai, que é de pai para filho, junto com a rejeição, há sofrimento e, provavelmente, ele vai marcar a pessoa pelo resto da vida.

Imaginemos o seguinte: nós, humanos, não nascemos como nascem os bichos, para suprir o mundo de espécimes. Nascemos de outro evento, nascemos porque alguém desejou. Imaginar que fui desejado e fui rejeitado pode fazer com que me sinta impotente, incompetente para suprir aquela pessoa ou o que ela pensava de mim. Muitos filhos rejeitados pelos pais crescem com um sentimento de inferioridade, de desvalor, muito grande. Às vezes, isso traz problemas na sexualidade,

na afetividade; em algumas ocasiões, gera um medo muito grande de nos unirmos a outras pessoas. Conheço pessoas que foram rejeitadas desde bebês por um dos pais. Essas são pessoas que namoram e se separam, namoram e se separam, namoram e se separam, porque têm medo de não serem suficientes para seu parceiro.

Também conheço pessoas que foram rejeitadas por um dos pais e que receberam um padrasto, uma madrasta, uma avó que pôde resgatar esse amor; para elas, as sequelas foram bem menores. Em todo caso, sempre vejo problema.

> Uma mãe conta que um de seus filhos vê o pai de vez em quando. O outro filho não conhece o pai e se sente enciumado, porque o irmão tem pai. Essa mãe já pensou em tirar o pai semipresente da vida do filho e criar os dois sem pai, pois acha que o estrago emocional seria menor. No entanto, tem dúvida se poderia impedir uma das crianças de ter contato, mesmo que esporádico, com o pai. Ao mesmo tempo, acredita que esse contato significa uma rejeição maior do que a ausência completa. Ela pede a sua avaliação.

– Precisaríamos que esse pai estivesse ouvindo esta entrevista. Não sei muito bem o que é alguém semipresente. A minha preocupação com pais semipresentes ou ausentes é que, às vezes, eles veem tão pouco os filhos que se encontram com eles sentados num banco de lanchonete ou andando pelo *shopping*, e o que podem oferecer para o filho são

prazeres materiais. Não oferecem afeto nem sentimento. Isso é muito ruim para o filho, quer dizer, na verdade, ele não tem um pai, ele tem um amigo que vê de vez em quando e nem sei se posso chamá-lo de amigo. O filho vê alguém que é um alguém que poderia vir a ser um pai.

Recomendo que alguém, até mesmo a mãe que me fez essa pergunta, mostre a esse homem a importância dele para o filho. O que temos visto, tanto em direito, como em psicologia e em serviço social, é que as separações às vezes provocam tantas mágoas entre o casal que não ver o filho é uma maneira de agredir a mulher. Acho que esse pai precisa ser orientado, alguém deveria lhe mostrar que ele é muito importante; e se os filhos forem meninos, é muito mais importante ainda.

> A mesma mãe confirma que os dois filhos são meninos – um tem dois anos e o outro, cinco anos – e segue questionando se a família tem de ser necessariamente composta por pai e mãe. Em uma família mononuclear, na qual os filhos são criados só pela mãe, a ausência do pai pode criar problemas sérios? E se os meninos tiverem uma figura masculina para servir de referência, a ausência do pai pode transcorrer sem problemas para eles?

– Sabemos que, para o menino, o pai é muito importante entre os seis e os 11 anos; é a época em que se forma nossa segunda identidade, a identidade sexual. Nessa fase, as meninas procuram muito a figura feminina: professora, mãe, empregada, tia, avó, amiguinhas, e formam

parcerias bonitas com ela. Os meninos também tentam fazer isso. É nessa época que aparece o melhor amigo. O menino gosta muito daquele amiguinho, que é o amiguinho de quem ele mais fala. É a fase que nós chamamos de “a nossa primeira escolha sexual”, que é uma escolha homossexual. Nessa idade, o menino precisa muito se sentir amado pelo pai do mesmo sexo. Quando isso não acontece, há a possibilidade de substituí-lo. Um avô pode fazer esse papel, um tio ou mesmo um padrasto saudável. Mas, quando não existe essa possibilidade e o pai é uma figura ausente, vamos ter problema, porque o indivíduo não organiza a terceira identidade, que é a segunda forma de amor, que é o amor heterossexual e isso pode trazer complicações.

Há um consenso sobre a fase de latência, entre seis e 11 anos, sobre a necessidade da formação da identidade sexual. O amor homossexual é a primeira forma humana de amor e há a necessidade de construirmos novas identidades. É preciso que eu tenha todas as identidades para escolher uma, senão fico sem ter como escolher.

> Outra mãe relata que o pai vê o filho somente uma vez por semana e, quando sai com ele, faz todas as suas vontades. Quando o menino volta para casa a realidade é outra: a mãe não pode satisfazer todos os desejos dele. Como ela deve lidar com a situação de conflito?

– É ruim para o filho ter um pai que perdeu o seu papel de pai, que não participa da sua educação e o vê no final de semana, às vezes, em um lugar extremamente prazeroso, como um *shopping*, e não participa

dos limites. Quando o filho volta para casa, acha a mãe uma megera, porque ela tem de dar limite.

A primeira coisa em que temos de pensar é: que pena para esse pai, porque o maior prazer que o ser humano pode sentir na vida é o prazer de fazer ofertas. E esse pai não faz ofertas como pai, ele faz ofertas como faria qualquer pessoa que tivesse uma carteira com dinheiro. Esse pai precisa ser alertado por alguém de que ele é muito importante na vida do filho. E, se ele for um filho menino, o pai é duplamente mais importante. O filho vai depender dele no futuro, tanto em relação à sexualidade como em relação às escolhas que ele vai fazer na vida.

Quando um filho chega em casa impregnado de prazer e a mãe tem de dar o limite, que dê o limite, mas não toque no nome do pai, não faça nenhum comentário sobre o fato de o filho ter estado com o pai e só ter tido prazer. Não se acanhe, não fique preocupada, continue dando limite e apoio, aguente, tolere as frustrações dele. Lembre-se: é o limite que dá a saúde mental. Amanhã, a mãe vai se beneficiar disso. Não fique muito preocupada com a competição injusta do pai, que fica tão pouco tempo com o filho e só em horas prazerosas. Lembre-se de que está fazendo o papel mais importante, que é o da educação.

> E qual deve ser o real papel da mãe, quando o pai se tornou ausente com a separação? Avós e tios podem ajudar?

– Quanto mais pessoas saudáveis uma criança tiver ao seu redor, melhor vai ser sua estrutura de personalidade. A avó se comporta como avó ou compete com a mãe? Se for uma avó que compete com a mãe, a situação se complica. Os parentes têm de conhecer seus limites.

Mas como uma mãe tem de se comportar quando o pai está ausente? A primeira coisa é ver se consegue convencer o ex-marido que ele se separou só da esposa, e não do filho, que continua sendo pai. Ele não é ex-pai, é só ex-marido. Se não conseguir convencê-lo, mesmo que haja sentimentos ruins a respeito dele, lembre-se de que ele não é ex-pai. Converse com seus filhos a respeito dele, fale sobre ele, lembre-se de que um dia você o escolheu e, se o escolheu, foi porque havia um sentimento bom em relação a ele e um sentimento bom dele em relação a você. Conte sobre ele, sobre a separação. Às vezes, a presença de um pai pode ser simbólica. Se ele tivesse morrido, falar dele seria uma maneira de trazê-lo para os seus filhos, que precisam sentir que foram desejados e que podem ser objetos de amor para os pais.

A base do que tenho dito é justamente esta: quando falo de limite e falo que o limite é desprazeroso, também falo que a criança gosta do limite. A maior parte dos adolescentes, hoje, vive procurando limites e, às vezes, vai buscá-los no terapeuta, como fazem comigo. Vai procurar o limite na polícia, em algum lugar. Quando o menino de 15 anos chega em casa fora de hora, fazendo barulho, fazendo xixi com a porta do banheiro aberta, para todo mundo escutar, ele está pedindo limite. Quando aquele menino no fundo da classe começa a conversar, a chamar a atenção da professora, ele está pedindo limite. E a maior prova de amor que um pai dá para um filho é justamente o limite, que vem pelo cuidado. Todo mundo quer ser cuidado e o limite é a forma mais hábil de cuidar. Cuide dos seus filhos por dois, mas inclua sempre nas histórias que puder contar para eles a história do pai. Lembre-se de que o escolheu um dia; se escolheu errado, só soube depois. Mas você o escolheu, quer dizer, ele serviu para ser pai dos seus filhos.

> Outra mãe separada tem um casal de filhos e se mudou para Londrina, para estudar. Mas o menino não se adaptou, voltou para a cidade onde morava e está vivendo com o pai. Até que ponto a mãe deve continuar os estudos? Deve ficar perto dos filhos? Em caso de separação, quem deve ficar com os filhos homens?

– Fica difícil responder esta pergunta, porque nós, humanos, vivemos por fases. Se o filho que está morando com o pai tem menos de seis anos, ele precisa de uma figura feminina, que pode ser a mãe, a avó ou uma tia que goste dele. Se tiver mais de seis anos e o pai for um bom parceiro, uma pessoa que cuida, que dá limite, ele está no lugar certo.

A minha preocupação é: se a mãe deixar os estudos e voltar a ficar perto do filho, fará isso sem se violentar ou ficará deprimida? Tenho medo de que, amanhã, quando o filho estiver maior, ela cobre isso dele.

> Segundo uma mãe, a legislação prevê que, dos 12 anos em diante, a criança pode escolher ver ou não o pai, em caso de uma separação. O que fazer quando os filhos não querem ver o pai? Como ajudar na reaproximação deles?

– A primeira pergunta é: por que será que os filhos não querem ver o pai? O que aconteceu nessa separação? A segunda questão é: esse pai

quer ver os filhos? Se quiser, é ele quem tem de fazer alguma coisa para a reaproximação, é ele quem tem de fazer essa conquista.

Além de pensar por que motivo os filhos não querem ver o pai, o pai é quem tem de fazer o resgate, e não a mãe. Aconselho a mãe a não se meter nisso. O que se possa fazer, talvez, seja pedir ajuda profissional, para os filhos poderem conversar com alguém e resolverem isso. Mas quem tem de fazer esse resgate é o pai. A mãe não pode ser advogada nem do ex-marido e nem dos filhos.

> O tio de um menino de um ano e seis meses conta que esse menino mora com os avós. A mãe e o pai são separados e residem em São Paulo. A mãe vem a Londrina todos os fins de semana, ao passo que o pai não tem demonstrado nenhum interesse. O tio pergunta se a ausência da mãe é prejudicial. Como suprir a falta do pai? E quais seriam alguns cuidados básicos para tratar dessa criança de um ano e meio?

– Um ano e seis meses é um nenê. Os avós que cuidam desse menino são pessoas afetivas, dão limites, tratam como filho esse netinho, ele tem rotina, tem horário, ganha presente só no dia certo – Natal e aniversário – ou os avós estão se comportando como avós? Não dão limite nenhum, fazem tudo o que o menino quer? Se os avós estão se comportando como pais saudáveis, quer dizer, se dão limites, cuidam, está tudo em ordem e não é preciso se preocupar com a ausência da mãe e nem com a ausência do pai. Nessa fase de vida, o importante para a criança é que ela se sinta cuidada por um adulto, não importa quem, mas que seja um adulto coerente, que dê limite, que mantenha a rotina.

A mãe vem ver o filho todo fim de semana e vou responder à terceira pergunta, que se refere a alguns cuidados básicos. É necessário avisar à mãe que, quando ela vier no fim de semana, precisa continuar a rotina que os avós estabeleceram. Quer dizer, a mãe não pode chegar, pegar o menino, ir para o *shopping*, comprar tudo o que ele quiser ou dar doce antes do almoço. Ela precisa seguir as regras que os avós estabeleceram para que a criança sinta coerência entre os adultos. A mãe não pode tentar suprir a ausência fazendo tudo o que o filho quer.

Sobre suprir a falta do pai, se há um avô, ele já está suprindo essa falta e não é preciso se preocupar. O problema é a idade do avô. Se for jovem, quando o menino estiver com seis anos, vai ter um avozão, que vai poder ajudá-lo na fase de latência a passar pelas coisas que precisa passar junto com um homem. E também há esse tio tão importante, que vai poder ajudá-lo.

> Um rapaz separado judicialmente casou-se pela segunda vez. Ele tem uma filha do primeiro casamento e relata que todas as vezes que a filha vai para a sua casa, a esposa atual o trata com indiferença, mas trata muito bem a menina. Como resolver essa situação?

– A nova esposa deve estar em conflito, o que é normal. Quando o pai está junto com a filha, ela precisa ocupar algum espaço e o único espaço que ela tem na casa é o da esposa, que não é nada da filha. Madrasta não é função, não é papel.

Talvez a esposa pense que ser aliada da filha do marido seja uma maneira de resolver o conflito, porque, se se aliar a ele, pode começar a tratar com indiferença a menina. Tratar o marido com indiferença talvez seja a melhor maneira que ela encontrou para não estragar a vida do casal.

O marido vai achar estranho o que vou dizer, mas acho que a esposa está agindo certo, está tentando ganhar uma amizade, ganhar um sentimento pela menina.

Esse marido pode ajudar a esposa não ficando indiferente quando ela estiver com a filha; mostrando a ela como isso é importante para ele; sentindo-se feliz por ela gostar da filha e tratá-la bem. É importante que ele faça aquilo que gostaria que a esposa estivesse fazendo com ele. Para o marido, é cômodo, porque ele tem a esposa e a filha. Mas para a esposa é difícil, porque ela tem de absorver uma pessoa que não pertence a ela. Quando a filha estiver em casa, o marido deve ser carinhoso com a esposa, para ela perceber que ele não está em conflito.

> Uma mãe assistiu a uma de suas palestras, na qual você orientou que, em certa fase do crescimento da criança, os pais devem evitar a separação. Que fase é essa? E se a separação for inevitável, como proceder para tentar evitar prejuízos à criança?

– A fase mais difícil para uma criança lidar com a perda é a partir dos quatro anos e meio, cinco anos. O que digo nas palestras é: se os pais tiverem desentendimentos, procurem ajuda, tentem ver o que está acontecendo. Se já ficaram tanto tempo juntos, tentem continuar. Às

vezes, os problemas que envolvem o casal são simples e podem ser resolvidos. E hoje temos visto que a maior parte dos problemas de casal, na verdade, não são do casal. Temos visto muitos problemas de família, quer dizer, a moça está casada, tem três filhos, mas ainda está dependente da própria família. Ela é cobrada pela mãe de certas coisas e a interferência da mãe no casamento compromete o casal. Nesses casos, uma conversa com um profissional pode ajudar.

O que sabemos é que quanto mais velha é a criança, pior é a consequência da separação dos pais. Pais que se separam com filhos adolescentes têm muito mais problemas que aqueles que se separam com filhos de três ou quatro anos de idade. Mas, se a separação é inevitável, a melhor maneira de conversar com a criança ou o adolescente, para evitar prejuízo, é mostrar que o casal está se separando, mas que o filho vai continuar tendo pai e mãe. Que o pai, embora saia de casa, vai continuar sendo pai. E o casal precisa continuar conversando como pais sobre problemas de escola, problemas de comportamento, limites e tudo mais. Os pais têm de se esforçar para isso.

> Uma mãe quer saber como lidar com a separação de irmãos, quando ocorre a separação dos pais.

– Não consigo perceber na pergunta como é que os filhos estão separados. Está um com o pai e outro com a mãe? Como é essa separação?

O que tenho conversado muito com casais que se separam é o seguinte: tudo bem, não deu certo o casamento, podem se separar, mas não separem os filhos. Pai e mãe têm de ter algum contato, por mais

litigiosa, por mais estúpida que tenha sido a separação. Eles têm de se comunicar, porque quem se separou foi o casal, os filhos continuam tendo a necessidade de ter pai e mãe. E jamais sugeri que se separassem irmãos. A relação entre irmãos não tem nada a ver com a relação entre pais e filhos. Irmãos têm uma relação à parte, é um amor à parte, é um amor maravilhoso, em que os pais jamais deveriam interferir. A gente não separa irmãos, eles se separam sozinhos quando crescem.

Não sei como essa separação foi feita, por isso fico preocupado em dizer alguma coisa inadequada. O que sei é que nunca é benéfico, para nenhum filho, para nenhuma pessoa, ser separado de irmão. Quando os pais se separam, os irmãos se unem. Se separaram os irmãos também, se um ficou com o pai e outro com a mãe, isso vai gerar problema para eles mais tarde. Um fica imaginando: “A minha mãe não me quis”. O outro diz: “Meu pai não me quis”. Então, um ficou o filho da mãe e o outro, o filho do pai. Tenho medo de dizer mais, porque não sei bem qual foi o problema.

> Como ajudar um rapaz de 21 anos e cuidar dele, que é filho de pais separados, de difícil relacionamento com todos? O rapaz está perdido, não trabalha nem estuda.

– Sobre esse rapaz que tem 21 anos e está desse jeito, precisaríamos saber um pouco mais. Como é que foram as relações dele com a mãe, com a família?

Há casos de filhos de pais separados que, quando o pai fica com o filho ou a mãe fica com o filho, começam a tratá-lo de igual para igual,

como parceiro e não como um filho. Quer dizer, deixam de cuidar como filho e passam a ter uma parceria, uma cumplicidade com ele. Isso faz muito mal para um filho.

Acho que alguém da família tem de ir atrás desse rapaz, pegá-lo, esquecer que ele tem 21 anos e cuidar dele. Levá-lo a um profissional, se não conseguir cuidar dele, já que ele está sem trabalhar, sem estudar. Esse rapaz criou uma coisa que me preocupa muito, que é a indiferença. Quando uma pessoa fica indiferente ao outro e indiferente a si mesma, não estuda, não trabalha, ela está em sofrimento, perdeu a relação afetiva com os outros. Quando perdemos a relação afetiva, isso é muito perigoso. Acho que alguém que se preocupa com esse rapaz tem de ir atrás dele, pegá-lo pela mão e levá-lo para alguém cuidar, nem que isso traga dor e sofrimento maiores para ele.

2. Sociedade: Um montão de gente junta?

Sociedade afetiva

> Você fala que hoje há curso para tudo, que há formas de se preparar para tudo na vida, mas não há curso para pais, não se ensina a ser pai e mãe. Então, como é que a família pode errar o menos possível no processo de educação, já que não se prepara o indivíduo para cuidar?

– O século que acabamos de viver se caracteriza por uma divisão fundamental. Até 1930, temos o modernismo, uma fase de mudanças. Mudamos hábitos, conceitos, crenças, mas não destruímos o que tínhamos, nós mudamos. Após 1930, iniciamos um processo pós-moderno, no qual também mudamos coisas, mas destruímos crenças, mitos. Na verdade, não fizemos mudanças e sim trocamos uma coisa por outra, sem mudar. Hoje, vivemos como vivíamos em 1910, 1920, só que sem o tipo de ligação, sem o tipo de crença que tínhamos na vida. Isso faz com que, por exemplo, os pais não tenham noção do que significam para um filho.

Digo aos pais com os quais converso que pensam que filho é como uma árvore, que eles vão oferecer uma boa escola, um bom pediatra, um bom dentista e o filho vai crescer, crescer e competir na vida. Sabemos que isso não é verdade. O papel do pai, o papel da mãe, o papel da avó, do tio, da professora, enfim, o papel do cuidador da criança, é

fundamental na vida das pessoas. Hoje, sabemos muito a respeito do ser humano. Sabemos, por exemplo, que uma criança de três anos é uma criança que está constituindo sua identidade e, para constituir sua identidade, ela se torna desobediente, chata, não quer tomar banho, não quer comer e precisa que alguém cuide dela, isto é, faça com que ela seja cuidada, não ligando, não favorecendo essa identidade ou essa pré-identidade narcísica que ela tem e que diz não, não e não. É necessário que, nessa fase, o adulto pegue a criança e a leve para tomar banho, para a escolinha e tudo o mais. Quer dizer, que o adulto ofereça o cuidado e não fique negociando com a criança ou a abandonando, descuidando dela. A preocupação que tenho é mostrar aos pais que, embora façamos cursos para todas as áreas, não existe curso que ensine a sermos cuidadores afetivos adequados. Precisamos lembrar sempre que o crescimento psicológico se dá por fases e o respeito às necessidades de cada uma delas é que vai garantir um desenvolvimento psicológico saudável. Uma criança que está na fase dos seis aos 11 anos, que chamamos de fase de latência, por exemplo, precisa muito do pai do mesmo sexo. O menino precisa do pai e a menina, da mãe. A criança precisa muito que essas pessoas favoreçam sua identidade sexual, que é a segunda forma de identidade que temos.

E falei de cursos para pais, porque sabemos como os seres humanos funcionam e precisamos mostrar aos pais que eles são muito mais importantes do que pensam. Antigamente, o instinto resolvia, porque tínhamos poucos problemas sociais. Hoje, é necessário o conhecimento, e que se ofereça aos pais uma pedagogia de cuidados.

> E essa pedagogia de cuidados, essa forma de o pai reconhecer que tem o papel de cuidar, como está sendo estimulada?

– Temos visto obras importantes de psicólogos e psiquiatras brasileiros e estrangeiros, principalmente americanos e franceses, que têm mostrado a importância do cuidado, a importância do resgate de uma relação de cuidado. O que aconteceu? Nós nos descuidamos das crianças. Imaginamos que elas estejam prontas para viver com as informações que têm. Felizmente, a sociedade está começando a rever a ideia de que a afetividade é um lugar importantíssimo na nossa vida.

> A necessidade desse resgate da relação de cuidado que pai e mãe devem ter com os filhos também significa que os pais estão descuidados de si próprios e, por isso, têm dificuldade de cuidar?

– O problema não é bem o descuido, o problema é que estamos vivendo uma era que um filósofo francês muito importante, chamado Gilles Lipovetsky, denomina de “a era do vazio”. O que fazemos hoje? Vivemos muito para o presente. O que aconteceu com os pais de hoje? Começaram a se preocupar com a ideia de que ficar cuidando muito de filhos é “perda de tempo”. Passaram a trabalhar mais – alguns pelo prazer do trabalho, outros pela questão econômica – e a assumir mais compromissos fora de casa. Hoje, por exemplo, um executivo fica das sete da manhã até as onze e meia da noite dentro da empresa em que trabalha. Temos uma vida na qual nossa casa ficou sendo fora de casa. Nossa casa passou a ser o escritório, o consultório, a empresa e, quando sobra tempo, pensamos que nos cuidamos, correndo em volta daquele parque bonito, frequentando uma academia. Na verdade, não é que as pessoas estejam se cuidando mais, elas estão mais narcisistas. O que geramos em uma sociedade pós-moderna é a falência da ideia do futuro.

Por isso, tornarmos o presente tão necessário, tão prazeroso, tão importante, tão mecanizado. Perdemos a noção do futuro. E, principalmente nós, pais, que nos preocupamos em garantir um futuro saudável para nossos filhos, não encontramos espaço ou tempo para tal tarefa, a menos que abramos mão de muitos prazeres imediatos.

> Seria uma forma de banalizar a vida, professor?

– É isso. Vamos banalizando a vida, a morte, a perda, banalizando o afastamento, a separação. É por isso que hoje, no Brasil, há uma média de 30 suicídios de jovens por dia. Ficou tão banal viver, que já não há sentido nisso; é um vazio interior violento. Todos sentimos esse vazio, mas nem todos nos suicidamos. Por quê? Porque alguns de nós têm a sorte de buscar numa relação afetiva familiar um pouco de sentimento para preencher esse vazio.

Aquele adulto que é casado e tem filhos, quando sente algum vazio, vai à casa da mãe tomar café à tarde, depois do serviço. Ou liga para o avô, que ainda está vivo. Necessitamos buscar preencher esse vazio com alguma relação afetiva.

> Muitas vezes, quando você fala em afetividade e em ter desejo, as pessoas pensam em realizar conquistas materiais, como adquirir uma casa, um carro. Mas talvez sua fala traduza um outro desejo; qual seria ele?

– Quando digo “ter desejo” é o desejo de se cuidar. Para eu me cuidar, posso desejar ter conforto, facilidades, um bom carro, uma casa boa, comida na geladeira. Quando consigo realizar um desejo – que seja meu e não do outro – o resultado será a sensação de prazer. Porém, como somos seres de muitos desejos, estamos constantemente em conflito – desejos contraditórios sentidos no mesmo instante. Sair satisfatoriamente desse conflito exigirá saber fazer a escolha de apenas um desejo. Na maioria das vezes, o ser imaturo escolhe o desejo imediato e não o mais adequado. Escolhe o desejo que lhe trará mais prazer imediato e não aquele que lhe proporcionará mais oportunidades de prazer.

> Quando pensamos em família, a ideia é de que a ela cabe a primeira etapa de socialização e estruturação da criança como ser humano. Como trabalhar essa questão no contexto socioeconômico brasileiro, em que milhões de crianças são privadas de condições mínimas de bem-estar e crescem sem convivência familiar? Muitas dessas crianças cometem crimes e vão parar na Febem, onde frequentemente há quadros horrorosos de violência?

– Esta é uma pergunta que todos nós nos fazemos, principalmente quando vemos e ouvimos o que a mídia divulga a respeito da Febem. Vou responder em duas partes.

A primeira é: grande parte das crianças da Febem não vem de famílias socioeconomicamente instáveis ou prejudicadas. Existem pesquisas realizadas por universidades como Uerj, UFRJ, USP e Unesp,

entre os anos de 1978 e 1996, que mostram que alguns meninos da Febem vêm de famílias com condição de sustentá-los, alimentá-los e colocá-los em uma escola. Mas essas famílias não têm afetividade suficiente para mantê-los dentro de casa.

A violência na infância e na adolescência é uma questão complexa e vem de dois mundos. Primeiro, o mundo afetivo. Hoje, os pais tratam os filhos como árvores. Imaginam que oferecendo uma condição social boa, o filho cresce e pronto. Eles se afastam dos filhos. Conheço filhos de “classe A” que têm seu próprio quarto, com sua própria TV e seu próprio computador, e ficam lá, sem contato com pai e mãe, e se tornam extremamente violentos na escola, na rua, quebram telefones públicos, escrevem em paredes, assaltam ou cometem outros delitos. O afastamento afetivo não deve ser pensado somente na classe baixa, a classe alta está assim também. A nossa mudança social tem priorizado o hedonismo, a questão do prazer. Diz que, para alguém ser feliz, tem de ter aquela camisa, aquele carro, aquele sapato, aquele tênis. E começamos a investir muito na angústia humana. Então, menino pobre e menino rico são do mesmo jeito, não importa se um tem escola e o outro não, não importa se um tem dinheiro e o outro não. A questão está no núcleo de afetividade da família. A mãe do pobre não tem tempo de cuidar dele, porque trabalha como empregada doméstica a semana inteira, tem de pegar três ônibus para chegar em casa; a mãe do rico também, porque é médica, trabalha das cinco da manhã até a meia-noite. Eles têm os mesmos problemas.

Voltando ao questionamento inicial, sobre a Febem. É uma saída que usamos para as classes média baixa, baixa e miserável. É uma maneira de cuidar dos filhos dessas classes. Seria uma maneira de reeducá-los, só que não há nenhum projeto de reeducação, que eu conheça, instaurado em uma Febem. Se considerarmos os índices de uso

de droga no Brasil, vamos perceber que a “classe A” usa muito mais drogas do que a “classe Z”, e vamos perceber também que a “classe A” comete muito mais crimes do que a “classe Z”, só que omitimos isso.

Como se muda isso? A minha opinião é que temos de voltar a investir em uma coisa chamada educação, não na educação formal, mas na educação de pais. Sou professor em duas universidades, na cadeira de pediatria, trabalho com pediatras e o que temos na maternidade é passar para os pais a ideia de que ter filho não é só dar à luz, mas também ficar perto dele, criá-lo. É necessário que haja uma educação para os pais, uma educação que mostre que filho precisa de pai e mãe, filho precisa de presença, de afeto, filho precisa de condição. Ter filho não basta, é preciso *ser* pai, *ser* mãe. Não é a sociedade que vai criar os filhos, como se pretendia com a Febem, são os pais. Temos de mudar um pouco esse conceito errôneo de que a sociedade é responsável por tudo, temos de voltar à instituição fundamental que é a família, a única instituição afetiva que temos. Temos de investir na família. A escola tem de trazer a família para dentro dela, o clube tem de oferecer mais à família, temos de pensar que, quando as pessoas se casam ou resolvem ter filhos, esse não pode ser apenas um movimento de prazer. Filho não dá prazer, filho dá trabalho, filho precisa de cuidado, de tempo, e temos de mudar o conceito de que filho é como um animal de estimação, que se leva ao veterinário de vez em quando para aparar os pelos. Filho é um tempo que vai se perder. Um pai suficiente gasta, talvez, dois terços do seu tempo com o filho. Mas, se olharmos a agenda dos pais, não é isso o que acontece.

> Nos Estados Unidos, repetem-se ocorrências de crianças armadas que matam os colegas nas escolas. No Brasil, a violência também cresce.

> Parece que há necessidade de muita dor para que voltemos a falar de valores, cuidados. Você concorda?

– Precisa doer muito mas, hoje, com toda essa dor, com todo esse histórico complicado, estamos fazendo um resgate. Aqui no Brasil, temos ainda um problema sério além da violência, que é o da falta de ética na mídia, na política. Basta ver as histórias de CPIs, de tantas denúncias. Vejamos também o que fizemos com a educação no Brasil: tornamos o professor um operário que não consegue comprar um livro. Imagine, um professor que não pode comprar um livro!

> Qual o papel do cuidador, da cultura e da sociedade no controle do ódio?

– Controlar o ódio seria desenvolver cada vez mais a ideia da importância da afetividade. A afetividade inclui o ódio, mas, se desenvolvermos como base afetiva a ideia do cuidado, isto é, se cuidarmos de nossos filhos, diminuiremos o medo de perdê-los; se cuidarmos de nossos amores, se formos carinhosos com quem amamos, se ofertarmos a quem amamos, diminuiremos o medo da perda. Mas, numa sociedade sem ética de cuidado, queremos que nossos objetos de amor fiquem do jeito que queremos, mesmo não fazendo ofertas a ele. Quer dizer, quero que meu filho seja bom, mas não converso com ele, não fico de mãos dadas com ele, não o beijo, não o abraço, não pergunto aonde vai nem quem são seus amigos; quero que ele seja livre, mas, na verdade, não estou libertando meu filho de nada, estou parando de cuidar e parando de cuidar, desenvolvo ódio por ele.

A ética do cuidado a que me refiro é uma situação que toda a sociedade tem de desenvolver. A sociedade só fala em prazer – hoje temos festa todo dia, em qualquer lugar, acabou a ideia da cultura. Agredimos a cultura, que é o sistema regulador do cuidado. A cultura permite o prazer sem estragos, marca o dia do aniversário para se ganhar presente, marca a data para se aprender a dirigir, o Natal. Hoje, a sociedade sem ética agride a cultura abolindo as datas.

> Algumas pessoas usam drogas, ilícitas ou lícitas, como o álcool, para fugir de conflitos. É possível alguém fazer uso dessas substâncias só por prazer?

– Não. O álcool foi inventado há muito tempo e deveria ser usado como o índio usa, em dia de festa, quer dizer, quando se está feliz. Com a droga, a mesma coisa, se é que ela tem de ser usada.

O problema hoje é que uma pessoa é convidada para uma festa, mas, para ir à festa, ela precisa beber, para se desinibir, senão não está feliz. O álcool é o que podemos usar em dia de batizado, casamento, aniversário, para festejar a felicidade e não para tentar ficar feliz. O álcool é depressor do sistema nervoso central, por isso, pode produzir consequências terríveis. Quando uma pessoa usa álcool para festejar, usa e pronto. Quando usa álcool como remédio, tem de beber todo dia para poder ficar bem, então, entramos no campo da patologia.

> Uma mãe pergunta que atitude deve adotar com a filha de sete anos, que sofre influência de uma prima, de dez anos, em assuntos de ordem sexual.

– A mãe não explica na pergunta que tipo de influência a prima de dez anos tem sobre a de sete, de que tipo de assunto ela fala. A primeira coisa que essa mãe tem de fazer é sentar com a filha e esclarecer da melhor maneira possível os assuntos que a criança tem conversado com a prima. Deve também chamar a sobrinha e dizer que não quer mais essa conversa, senão vai cortar o contato. Talvez deva escutar a sobrinha e tentar saber por que ela está tão ligada nesses assuntos.

Às vezes, as crianças que ficam sozinhas em casa vendo TV ou vídeos começam a desenvolver uma sexualidade intensa e precoce, e a angústia que isso traz faz com que queiram repartir isso com alguém. Como essas duas meninas devem ser amigas, a prima de dez escolheu a menina de sete para falar do assunto.

A mãe deve lembrar que o sexo, embora extremamente prazeroso, é angustiante. Imaginemos, por exemplo, uma menina de dez anos vendo uma cena de novela, que não mostra, mas sugere, sexo oral. Vista por uma menina de dez anos é prazerosa e angustiante, e ela vai precisar falar disso com alguém. Nem sempre consegue que a ouçam em casa e, na escola, nem sempre há abertura para isso. Se a pessoa mais próxima for uma prima de sete anos, naturalmente, é com ela que vai tratar do assunto.

Se essa menina de dez fala com alguma amiga mais velha, de 12 ou 13 anos, que já faz sexo ou tem alguma vida mais íntima com um namoradinho, ela pode ficar com desejo de ter mais intimidade com alguém e se angustiar porque só tem dez anos. Essa angústia vai ser passada para a prima de sete anos quando conversarem.

Talvez a menina de dez anos esteja precisando de um adulto que a escute e que a esclareça também. Quem sabe essa mãe, além de ajudar a filha, possa ajudar a sobrinha também.

> Como explicar que um rapaz de 18 anos, aparentemente normal, tenha matado a mãe, saído para comprar droga e voltado para matar o pai?

– Isso aconteceu no Rio de Janeiro, com o filho de um militar da Marinha. O rapaz era viciado em drogas desde os 13 anos e, em um momento de crise de abstinência, matou a mãe e tentou matar o pai. Aí, temos duas coisas. Não estamos falando em uma relação de amor, estamos falando de um sujeito que, no auge de sua angústia, adultera toda a sua relação cerebral e, alterando a sua relação cerebral, altera sua afetividade.

A experiência que nós que trabalhamos com saúde mental temos com droga é a seguinte: toda a droga altera a condução do pensamento, a condução dos sentimentos. Vamos pensar na cocaína, na maconha, no *crack*, no haxixe e no ácido lisérgico, e em tudo o mais que tem sido usado por aí.

A maconha, por exemplo, que é uma droga que todos dizem que não faz mal, impede que os neurônios se comuniquem no momento em que entra na corrente sanguínea. O THC, o princípio ativo da maconha, impede que uma célula cerebral se comunique com outra. Isso provoca uma sensação de calma, de tranquilidade, porque a pessoa perde a memória imediata e, naquele momento, não ama ninguém, ela é ela, imagina-se autônoma, feliz, porque não tem memória. Nesse momento, um sujeito que usa maconha pode fazer muitas coisas. Ele está pronto, por exemplo, para fazer sexo, para assaltar, para fazer qualquer coisa, mesmo coisas ruins com pessoas queridas, como agredir ou agir com

indiferença, porque não tem memória imediata. Vai ter depois, quando perceber o que fez.

A cocaína e o *crack* trazem perda maior, uma perda de sensibilidade. Aparece no usuário dessas drogas a antítese do amor, que é a indiferença. A droga passa a ser a relação do sujeito com a vida e não mais o pai, a mãe, a família. Já escutamos, como nessa história que aconteceu no Rio, que muitos e muitos jovens, quando começam a usar drogas e têm alteração cerebral, sofrem imediatamente uma alteração na afetividade. No caso desse rapaz que matou a mãe, diria que não há ódio do pai ou da mãe, ele matou pela dependência química. A dependência da droga, a ligação com a droga, a drogadição, como chamamos esse quadro, é a perda progressiva da afetividade. O uso de drogas compromete fundamentalmente a afetividade.

> Como uma mulher pode conciliar a vida conjugal, o emprego e a educação dos filhos?

– Essa pergunta de conciliação é complicada. Imaginemos o seguinte: os nossos políticos foram destruindo, de alguma forma, as condições básicas de vida. Vejamos o salário mínimo hoje, de quanto é o salário mínimo em nosso país? Quanto custa uma cesta básica? Temos problemas econômicos, e a família, que era aquela família básica, constituída pelo marido que saía para trabalhar e pela mulher que trabalhava em casa, cada um com seu papel, passou a ser agredida por regras muito complicadas. A família passou a carecer de recursos para viver, comer, pagar escola, roupa e tudo mais. A mulher teve de começar a trabalhar fora, às vezes contratando uma outra mulher para cuidar da casa dela. E essa outra mulher também tem marido, filhos e

casa para cuidar. Com ambos os pais trabalhando fora, começamos a repassar a responsabilidade pelos filhos para a escola. Queremos que a escola cuide, que a empregada, a babá, o vizinho, a avó cuidem, porque temos de sobreviver, temos de sair à caça de trabalho, de emprego, de dinheiro. A conciliação entre emprego, educação dos filhos e vida conjugal começou a ficar complicada para a mulher.

Tenho uma saída para isso, gostaria que refletissem sobre ela. Sabemos que não é o tempo que passamos junto com nossos filhos, mas a maneira como fazemos isso que garante o cuidado. Então, se tenho uma empregada em casa e eu e minha esposa saímos para trabalhar, tenho de atribuir algumas funções a minha empregada, tenho de cuidar dela, tratá-la muito bem, pagar-lhe um salário digno, porque ela tem uma responsabilidade grande. Preciso explicar a ela que limites quero para meus filhos. Então, chamo meus filhos e a empregada e digo: “Olha, enquanto eu estiver fora, ela me representa e vai cuidar de vocês. Não quero que saiam sozinhos, que usem o telefone, que passem tempo demais com o videogame”. Temos de passar o cuidado, já que contratamos alguém para tomar conta da casa.

E a vida conjugal? O casal é a base da família. Se existe um casamento, deve haver afetividade. Mas o casal tem tido tempo de ser afetivo? Como é que um casal se torna afetivo? Brigando, depois conversando e namorando um pouco, deixando um espaço onde não se fala de trabalho, não se fala de conta, mas se fala de si, de como um está sentindo o outro, de reclamar um pouco um do outro, discutir um pouco um com o outro, porque a afetividade é tudo isso. Conciliar funções significa aproveitar o pouco tempo que sobra. No fim de semana, em vez de descansar, isolando-se, é importante ficar junto, brigar um pouco – brigar com o filho, brigar com o marido, mas manter todo mundo junto.

Outro dia, uma mãe me dizia que não via a hora de algum amiguinho convidar o filho para passar o fim de semana fora, para diminuir os gritos em casa. Eu lhe disse que casa sem grito é casa de gente louca, casa tem de ter grito de mãe com filho, de mulher com marido e, depois, tem de ter beijo, tem de ter um carinho a mais para o filho, para o marido, para a esposa e tudo mais. Mas é preciso ficar junto, ouvir o que o filho tem a dizer, não importa a idade dele, saber dos desejos dele, observar o que ele está vendo na televisão, que é uma coisa complicada. A TV é uma babá ladra, nos rouba valores, afeto, e não nos ensina nada nunca. Precisamos diminuir o tempo do nosso filho com a televisão, e o nosso também. Às vezes, a família vai descansar da semana atribulada que teve e passa sábado e domingo vendo televisão, todo mundo junto. Outras vezes, é cada um num sofá, cada um no seu quarto. Muitas vezes, as pessoas não conversam. Temos chances de conciliar, à noite ou na hora do almoço, por exemplo. Se for possível almoçarmos juntos ou jantarmos juntos, não permitirmos que um filho jante sozinho na frente da TV ou que o marido jante assistindo ao jogo de futebol... Vamos ficar juntos, vamos ficar irritados uns com os outros, mas vamos ficar juntos.

> Como construir e resgatar os mitos? Além da falta de cuidado com a afetividade, faltam mitos para a nova geração.

– Acho que aí está o nosso grande problema. Assim como os nativos, os indígenas, nós também tínhamos mitos. O homem do campo criou mitos para proteger a família e a sociedade. Mas, de repente, por algum motivo que não sei analisar – não sei até que ponto é profundamente psicológico ou um fenômeno econômico, social –

alguém inventou de acabar com os mitos. O saci-pererê e a mula sem cabeça desapareceram. A avó que contava história da onça que comia criança mentirosa desapareceu. Nós passamos a dizer, por algum motivo desconhecido, que mito era uma coisa ruim. E quando quebramos um mito, quebramos a cultura. E quando quebramos a cultura, quebramos a referência de uma sociedade toda. Não temos mitos para a nova geração nem para a atual, que também perdeu os mitos e talvez tenha sido a autora da morte dos mitos.

E como é que se resgata isso? Do mínimo. Qual é o mito que envolve a família? O mito da minha família? É importante, por exemplo, que a mãe consiga escutar um pouco de histórias a respeito da família dela, de onde veio, como é que os seus familiares fizeram para sobreviver, por que lutas e dramas passaram. Resgatar a história familiar é talvez começar a construção de algum mito. O nosso sobrenome é mítico e, às vezes, nem sabemos o significado dele. Também podemos começar percebendo a importância do nome: “por que meu filho se chama assim?”, “o que quer dizer esse nome?”, “o que ele representa semanticamente, afetivamente?”, “por que dei esse nome a ele?”. Eu resgato o mito.

Imaginemos um pai, uma mãe e um filho sentados na sala com a televisão desligada, de preferência, falando a respeito dos nomes. Por que a mãe se chama Jandira? De onde vem esse nome? Por que o pai se chama Mário? Quem deu esse nome a ele? E o que significa esse nome? Que sentido tem? Começar a falar da história é possibilitar a criação de mitos.

Precisamos começar bem do mínimo, daquilo que é o ponto fundamental da vida, a família, e estudar os nossos sobrenomes, saber um pouquinho da avó, da bisavó, da tataravó e, talvez assim, começar a

construir alguma coisa dentro de casa. Porque construir o mito social, o mito para a cultura, isso vai demorar alguns anos ou algumas centenas de anos para podermos entender a destruição terrível que fizemos.

Família x escola?

> Uma professora quer saber como você vê a questão da ética na escola, na TV e na sociedade.

– Transformamos a escola particular numa grande empresa, onde o aluno passou a ser um número. Poucas escolas que conheço cuidam dos alunos. A maior parte aglomera 80 alunos em uma sala e não há como um professor cuidar deles.

No Canadá, para cada 20 crianças, existem dois professores em sala de aula – cada um cuida de dez alunos. Aqui no Brasil, há um professor numa sala de aula, durante 50 minutos, dando aula para 40, 50 ou mesmo para 80 alunos. Como é que ele vai cuidar? E, com o salário que ele recebe, não tem tempo de se aprimorar, de se desenvolver e tudo mais. Muitas escolas-empresa têm como dirigentes pessoas não ligadas à educação, que transformam professores, servidores e outros membros importantes no contato com o aluno em "operários" (expressão minha, por minha experiência na clínica com crianças e jovens) que vão perder para sempre seu papel sagrado de educador. Algumas escolas que conheço, geridas por educadores, conseguiram manter uma dinâmica educativa, mesmo em cursos empresariais, por necessidade dos tempos. Por isso é que digo que a ausência de ética diminui o desejo de cuidado.

Quando falo do desejo de cuidado, falo de exemplos do cotidiano. Fiquei muito assustado com a propaganda de uma marca de cerveja na

TV, em que as pessoas mostram que o valor em jogo é só o do prazer. Quando convidamos as pessoas só para o prazer, tiramos delas a responsabilidade do cuidado. Então, imaginemos a mãe que assiste a essa propaganda e entende que está perdendo tempo: “Nossa, vivo em função do meu filho, não faço nada para mim, vou deixar de cuidar um pouco do meu filho”. Criamos a ideia de que todos temos de ter prazer, mas quem tem filho precisa ter prazer no cuidado com o filho. Se quiser ter algum prazer à parte, pode, mas vai comprometer a relação de cuidado.

Costumo lembrar que filho é um emprego para o resto da vida. Mesmo quando ele se torna adulto, continua precisando de cuidado. Se imaginarmos que as pessoas têm condição de ter liberdade, quer dizer, de viver sem cuidado, vamos destruir a sociedade, como estamos fazendo. Na segunda semana de janeiro de 2000, a Organização Mundial de Saúde divulgou um número horrível para nós. Passamos a ser o país com maior número de jovens com aids. Por quê? Porque aqui temos pouca prevenção. Aqui, a ideia de aids, embora esteja tão presente no hospital, nos lugares de cuidado, não existe na televisão, na mídia. Fala-se em aids, mas não se investe em prevenção. As famílias têm medo da aids, mas não investem no cuidado.

Um rapaz de 15 ou 16 anos, que pode beber sem apresentar documento em qualquer bar deste país, que sai do bar com uma menina bonita, não pensa em aids. Ele está alterado pela bebida, excitadíssimo com o sexo. Não pensa em aids. Precisamos lembrar que o cuidado é um todo. A sociedade tem de cuidar, a família tem de cuidar, a escola tem de cuidar e cuidar significa fazer com que esse rapaz pense em ser feliz. E ser feliz é adquirir condição de ter prazer, e não ter prazer todo dia. Tenho muito medo do que acontece nas universidades, onde toda noite tem festa, forró e, no dia seguinte, os alunos têm de estar numa

sala de aula. Alguns deles vão ser médicos, sua profissão será cuidar do outro, e eles estão se preocupando menos com a universidade e mais com a outra festa que vai acontecer à noite.

A nossa realidade, a nossa realidade política, social e familiar é uma realidade em que a ética do cuidado está ausente. Nela, a vida tem de ser prazerosa e não ética. Isso é muito perigoso. Quando uma família também começa a pensar assim, que o filho precisa ter prazer e dá um carro na mão de um menino de 14 anos de idade ou permite que ele beba ou não cuida dele quando sai de madrugada, isso é muito perigoso. O prazer é uma coisa a ser conquistada e a conquista do prazer tem de ser por crescimento e maturidade. O sujeito tem de aprender a se cuidar. Mas como é que alguém vai aprender a se cuidar se não foi cuidado?

> Escola e família divergem. A família acha que a escola tem de cuidar, ao passo que a escola acha que cuidado é função da família. Isso acaba num jogo de empurra-empurra. Qual é a sua opinião?

– Antigamente, a escola era um lugar, uma instituição afetiva. Tínhamos uma relação muito íntima entre professor e aluno. Os professores conheciam seus alunos pelo nome, conheciam os pais deles, viviam na mesma comunidade. Hoje, no pós-modernismo, a escola mudou. A maioria deixou de ser um lugar de educação, onde também a afetividade faz parte da rotina, e passou a ser um lugar de ensino. Então, a escola deixou de ser fim, passou a ser meio. Meio para o vestibular. E a passagem pela escola é extremamente desprazerosa, tanto para o professor como para o aluno. É um lugar sem afeto.

Algumas escolas se tornaram projetos educativos e ainda mantêm os limites, o uniforme, o professor conhece o nome e o sobrenome do aluno, o professor sabe que tal aluno é filho de pais separados, tal aluno perdeu um irmão, enfim, o professor conhece a história de seus alunos. Mas, como este tipo de escola é minoria, o jogo de empurra-empurra entre escola e família existe, exatamente pela descaracterização da escola como lugar de educação.

> E as escolas precisariam voltar a desempenhar esse papel afetivo também?

– Sim, porque a escola, na verdade, é o quintal da casa. A escola não complementa a educação, a escola dá a educação formal, mas tem de manter as mesmas características de casa.

Pensemos no significado de uma professora de maternal para uma criança. Ela tem de ter características de mãe, tem de cuidar maternalmente, tem de fazer uma maternagem, senão, torna-se extremamente árida e a criança vai começar a desobedecer, a agredir a escola, porque sente que tudo o que não é afetivo tem de ser destruído.

> Você diria que os conflitos entre escola e família têm sido maiores do que a união entre as duas instituições?

– Acho que as duas coisas têm acontecido. Hoje, a escola percebe que não pode viver sem a família e a família percebe que não pode viver sem a escola. Mas alguns problemas ocorrem.

O primeiro problema é que a escola perdeu sua característica mais importante, que é ser um lugar de educação. A escola não é um lugar só de aprendizagem, a escola deveria ser também o lugar onde as crianças, os adolescentes ganham continuidade do lugar afetivo que é a família, onde têm a possibilidade de socializar-se com a ajuda e a supervisão de alguém, da pedagoga ou da psicóloga da escola.

Mas, como começamos a pensar mais tecnologicamente, e não humanisticamente, a escola passou a priorizar o ensino, e o que aconteceu? Uma perda na humanização dentro da escola. Algumas escolas que ainda não perderam a sua característica de lugar de educação começaram a perceber que precisavam da família e a família hoje, bem constituída, o pai preocupado, a mãe preocupada, percebe que a escola pode ser um lugar muito bom se eles estiverem juntos e pode ser um lugar terrível, se deixarmos as crianças e os adolescentes ao sabor das coisas, sem a supervisão de um adulto.

> Então, existe um conflito muito grande, mas também um desejo muito grande de união entre as duas instituições?

– Algumas escolas têm trazido os pais para dentro delas, dando informações, discutindo temas, conquistando espaço junto aos pais. O que acontece é que os pais vão à escola preocupados só com a nota. Vão em final de mês, em final de semestre, desesperados com a nota, ou porque a escola chamou por causa do mau comportamento do filho.

Algumas escolas mais lúcidas têm convidado os pais para participar de eventos. Conheço algumas escolas que têm realizado atividades aos sábados e domingos, unindo pais, filhos e professores, com o intuito de

mostrar que a instituição escola e a instituição família são complementares. O que o filho faz em casa, faz na escola, transfere para a escola coisas de casa. Então, essa união tem de acontecer. Tenho dito que a escola é hoje a última chance que temos de salvar a geração que está vindo aí. Salvar, digo, é conscientizar a respeito dos problemas do planeta, tais como a falta de água potável, o ar poluído, o buraco na camada de ozônio etc. A escola é o lugar onde se discutem esses assuntos. É, principalmente, onde falamos sobre lixo reciclável, amizade, sobre grupo, sobre gostar. É na escola que surge a primeira paquera, o primeiro gostar, as coisas do namoro. Geralmente, é lá que surge o primeiro beijo. A escola hoje tem de se conscientizar de que é uma instituição afetiva, que complementa a família. Sem essa consciência, vamos criar um bando de sujeitos que aprenderam, mas não sabem usar o que aprenderam, porque afetivamente estão empobrecidos.

> Como pensar na escola como espaço lúdico, considerando todos os problemas enfrentados pela instituição, princi-palmente a pública?

– A escola pública é um problema gravíssimo. Em São Paulo, por exemplo, já tivemos a infelicidade de escutar que um professor de escola pública ganhava apenas *um real* por aula. Esse é o máximo de desvalorização a que se pode chegar. E o professor é alguém que cursou uma universidade e, de repente, não tem dinheiro para comprar um livro. Não entendo muito bem por que um governo faz isso, destrói aquilo que é a base da sociedade. Deve haver uma segunda intenção nesse desprezo à educação e à saúde. Mas não vamos discutir isso aqui.

O que penso é que devemos conscientizar as pessoas da importância de uma política que dê mais valor para a educação.

Voltando ao lúdico, a escola é o lugar onde a criança brinca, se socializa, aprende coisas, organiza sua personalidade. Uma criança que aprende afetivamente aprende muito mais e aprende a usar o que aprendeu, diferentemente da criança que só aprende sem levar em conta o afetivo. Um exemplo são essas escolas com 80 alunos em uma sala de aula, em que a professora não tem relacionamento nenhum com os alunos e o lúdico não é dirigido. Os alunos saem para o intervalo e ficam fumando, não têm ninguém dirigindo o recreio. São sujeitos que aprendem para passar no vestibular, mas não sabem a importância do que aprendem e usam mal a aprendizagem.

A escola é o lugar do lúdico. Existem algumas escolas que estão conscientes disso e abrigam dentro delas o ensaio da banda de *rock* dos alunos, o ensaio de teatro, a boate sem álcool; trazem o social para dentro da escola. Algumas escolas trabalham assim perceberam que o número de problemas de conduta diminuiu 100%. O que prova que a escola é um lugar afetivo e é o espaço mais importante da vida de uma criança e de um adolescente. Por isso, conscientizar diretores, pedagogos, educadores, pais e políticos sobre esse assunto é uma tarefa que temos de levar adiante. Sem educação, sem escola, vamos perder muito.

> Você diz que a escola e a família são espaços onde o indivíduo organiza sua personalidade e desenvolve sua afetividade. Como entender melhor os papéis de cada uma dessas instituições complementares?

– São papéis muito semelhantes e precisamos pensar que a relação de um aluno com seu professor, com sua carteira, com sua sala de aula, com o amigo, com o colega, com a quadra de esportes é uma relação afetiva, não é uma relação social. Todo dia, durante quatro ou cinco horas, o aluno está lá naquele espaço. Ele vai criando vínculo, por isso, essa afetividade não pode ser desprezada, tem de ser canalizada. A escola, na cabeça dos indivíduos, é uma instituição terminal, que tem começo, meio e fim. A família não, a família é eterna. E o que geralmente acontece em escolas afetivas? Quando a escola se transforma em um lugar afetivo, o que começa a acontecer é que os ex-alunos aparecem para visitar, querem fazer festa para reunir o pessoal mais antigo. Tentam preservar a escola até como uma instituição familiar, mas ela é terminal. Passo lá um tempo e, depois, fico com saudade se ela foi boa. Essa é a primeira característica diferente entre as duas instituições, a escola é terminal, a família não.

A segunda diferença é que a escola é um desejo dos pais. Nenhuma criança vai à escola por desejo próprio, vai porque os pais desejam. Estar na escola é um desejo dos pais e é por isso que a escola tem de compreender, e os pais também, que eles precisam se unir. A escola deve ter um desejo, o desejo de educar, de ensinar, promover o ser humano. O pai coloca o filho na escola porque existem coisas que o filho precisa ter que o pai, sozinho, não pode dar. A escola é um pedaço do pai, um pedaço da mãe que, durante um certo tempo, o filho vai ter fora de casa. Ela é um representante dos pais, e sempre é bom lembrar que a criança foi para lá porque os pais desejaram. A escola realiza o desejo dos pais, mas os pais não podem realizar nenhum desejo da escola. É por isso que precisam conversar bastante. Conversas da escola com os pais, como: “Seu filho está com problemas aqui, meu senhor. Ele não está conseguindo ter amigos.” Então, vamos nós dois, escola e pais, ver o que está acontecendo com o filho. Vamos pedir ajuda para

um profissional, vamos ver em casa como estão as coisas. Como escola e família são instituições complementares, uma tem de auxiliar a outra. Mas a instituição básica, fundamental, é a família.

> Uma mãe pergunta como deve agir com o pré-adolescente que tem pouco interesse pela escola. Ele é inteligente, gosta de ler, tem facilidade para assimilar conteúdos, mas odeia a escola, não faz trabalhos extraclasse, esquece o material. Para ele, a escola é um fardo. Passa de ano com notas razoáveis, mas a mãe quer saber como garantir disciplina e senso de responsabilidade.

– Diria a essa mãe que vá à escola do filho, veja com os professores o que eles têm sentido. Quando uma criança ou um adolescente não consegue transferir para a escola a afetividade é porque alguma coisa está errada, ou em casa ou na escola. Ou a escola não está receptiva ou em casa o desejo dos pais sobre a ida do filho para a escola não está claro. Então, às vezes, a escola é usada de maneira punitiva pela família e não se torna um lugar agradável. Mas a escola é o espaço onde tenho meus amigos e onde vou construir a base do meu futuro. Estudar não é uma coisa gostosa. Os filhos acham perda de tempo fazer lição, mas, se o desejo dos pais estiver muito claro, os filhos suportam. Existem crianças que adoram a escola; não gostam de fazer a lição, mas adoram ir para a escola.

Se esse pré-adolescente não está conseguindo gostar da escola é porque ou a escola está contaminada na fala dos pais ou não está conseguindo ser receptiva. É hora de a mãe ir até à escola com o

marido, conversar com a orientadora pedagógica, com o professor, ver o que está acontecendo e começar a produzir algum tipo de solução. Conversar mais com o filho; pedir à orientadora pedagógica ou à psicóloga da escola, se houver, para chamá-lo para conversar. Afinal, ele não está conseguindo transferir coisas boas para a escola.

Às vezes, os pais, infelizmente, usam a escola e as notas para presentear o filho no aniversário, no Natal, para permitir que ele saia e, assim, contaminam a escola. Acabei de dizer que a escola é um lugar afetivo, então, nem a escola nem a nota podem ser usadas como controle. A escola é a continuidade de uma coisa boa e não uma condição. Já é chato ir para casa à tarde com lição para fazer, mas, se aquilo é afetivo, consigo me frustrar de não jogar bola e fazer a lição. Quando a escola se transforma em uma moeda de troca, ela se torna insuportável.

> As famílias têm feito trocas com muita frequência? Como os pais podem evitar essa situação, já que muitos deles foram educados dessa forma e também num modelo de perfeccionismo?

– A família faz trocas com muita frequência. Usa a nota como referência, e não a felicidade do filho. Qual é a média da escola? Se o aluno for bem nas matérias de que mais gosta e obtiver apenas a média nas matérias de que não gosta, tudo bem. O importante é que ele seja feliz lá.

Mas o que significa ser feliz na escola? É gostar de ir, de rever o amigo, gostar do professor de geografia, do professor de educação

física, ter vínculo com alguém lá e saber que aquilo é um desejo dos pais para que, amanhã, ele possa ser um ser humano mais equilibrado, mais sábio, mais conhecedor das coisas. Quando a escola é usada como condição de vida em casa, perde o seu sentido e o prazer também.

No conceito de ganho, usamos a escola de forma capitalista. A nota boa significa um bom aluno, mas não significa um aluno feliz. Precisamos transformar o conceito de prazer. Em vez de dizer “ah, meu filho é um nota 10”, os pais deviam pensar: “Meu filho é feliz. Ele tirou 7, mas ele é feliz, ele acorda rindo, coloca o uniforme rindo, vai para a escola, que é um lugar agradável. Tem um professor de que ele não gosta, mas tem seis de que ele gosta”. É importante que os pais pensem que o objetivo da vida não é acumularmos numerário, nota boa e conta bancária. O objetivo da vida é sermos felizes, e uma criança feliz na escola não precisa tirar 10. Ela pode tirar 7. Às vezes, os erros que ela comete em uma prova não são erros de falta de conhecimento, são de distração, o que é comum e normal, principalmente em sujeitos que estão em pleno desenvolvimento.

Fico muito preocupado com os “nota 10”, porque, para poder manter esse padrão, eles às vezes perdem em amizade, em participação nos grupos, em lazer, transformam-se em pessoas avarentas, com dificuldade de fazer oferta, de se dar. A gente tem de pensar um pouco nisso: tirar 10 não significa que amanhã ele vá ser um bom profissional. Às vezes, ele se torna tão apegado à ideia de quantificar a vida que não consegue fazer oferta, principalmente se tiver uma profissão na qual tenha que fazer ofertas, como medicina, psicologia, pedagogia.

Os pais e educadores precisam resgatar a ideia de felicidade. Ver que acabou o fim de semana, mas o filho está feliz em ir para a escola na segunda-feira e não desesperado porque vai ter de estudar.

Assim é a ideia de que a escola é um lugar que está autorizado pelos pais a complementar o prazer, a felicidade, a vida do filho. Um pai não pode socializar um filho, a escola pode. Um pai não pode ensinar geografia para o filho, mas a escola pode. Então, a escola é uma extensão da família, lugar também de prazer afetivo, onde a criança ou o adolescente encontrará pessoas preocupadas em colaborar com os pais na sua formação de um indivíduo saudável.

> Um pai quer saber o que fazer quando o filho não quer estudar. Muitos adolescentes chegam a uma determinada fase, começam a trabalhar e não querem mais saber de ir à escola.

– É preciso conversar bastante com esse adolescente. A nossa experiência diz o seguinte: crianças que começam muito cedo a levantar de manhã e ir para o balé, para o judô, para a computação, o inglês, depois para a natação e não sei mais o quê, e ainda vão à escola, por volta dos 13 anos começam a se desmotivar pela escola de uma maneira tão intensa, que é quase impossível convencê-las de que a escola é uma coisa boa.

Tenho pedido aos pais que não fiquem muito preocupados que os filhos aprendam precocemente computação, por exemplo. Haverá tempo para isso. Nem sabemos se essa vai ser a escolha deles.

Conheço crianças pequenas que fazem inglês, espanhol ou computação e não têm tempo de se socializar. Não têm tempo de usar a escola como um lugar gostoso. Quando entram na adolescência, estão tão cansadas desse “ter de”, que largam o inglês, o piano, o judô.

Largam tudo e querem ser crianças. Querem brincar, ficar no videogame, sair com os amigos, porque tudo isso não foi dado a elas na época certa. Uma criança começa a se socializar a partir dos quatro anos e é nessa hora que ela precisa brincar. A escola é um lugar para brincar. Para aprender também, mas é para brincar, fazer amigos, morder um ao outro, brigar, enfim, para aprender a afetividade. Se a criança não tem tempo para fazer isso, porque os pais a ocupam de uma maneira terrível, ela vai precisar fazer mais tarde e, mais tarde, ela deixa tudo, perde a motivação pela escola, acha a escola um lugar ruim, porque está cansada.

A melhor maneira de reagirmos a isso é conversar com o adolescente que não quer estudar. É bom que ele trabalhe? É bom. Mas ele vai fazer um curso noturno e continuar, da maneira que puder, aprendendo, estudando, para amanhã ter um emprego melhor e tudo mais. É aí que os pais e a escola precisam de novo se unir. A escola precisa tomar mais conta desse adolescente, ter um professor mais afetivo, que venha falar com ele, assim como a família, já que essas duas instituições são lugares afetivos que têm de cuidar da criança e do adolescente.

> Como você enfatizou, na ânsia de colaborar com a formação educacional da criança, muitos pais estão “entupindo” seus filhos de atividades como balé, inglês, natação e computação. Quais seriam os cursos recomendados para crianças na faixa dos seis anos?

– As crianças precisam de uma coisa só na vida: brincar e brincar com outras crianças, construir coisas com água e terra, jogar bola.

Tenho trabalhado com algumas pessoas que pesquisam crianças em tenra idade que vão fazer natação, judô, inglês, francês, computação e o destino dessas crianças é muito triste. Quando elas entram na adolescência, enjoam da aprendizagem. O excesso de ofertas dos quatro até os 11 anos pode trazer como consequência uma desmotivação para o estudo, para a aprendizagem. Por isso, tenho orientado os pais para que não se preocupem em fazer muitas ofertas nessa fase; o preço a pagar no futuro é muito alto e não vale a pena.

Podemos aprender as coisas à medida que o desejo surgir. Existem crianças de seis anos que querem aprender a nadar. Então, que aprendam a nadar. Mas não conheço nenhuma que queira aprender francês ou inglês nessa idade. Não conheço nenhuma que queira aprender grego. O que precisamos é respeitar alguns pequenos desejos. Quando uma criança quer aprender a nadar, nós a colocamos na natação e a mantemos na atividade, mesmo que ela queira sair, porque a coisa precisa ter começo, meio e fim. Agora, quando deixamos o dia de uma criança cercado de exigências pedagógicas de curso disso, curso daquilo, criamos um estresse e futuramente uma desmotivação. As pesquisas não têm sido muito favoráveis a essa imposição de muitas ofertas nessa fase de vida.

Vamos lembrar que nosso cérebro só amadurece aos 21 anos de idade e que, até os 21, passamos por muitas e muitas fases. Temos na universidade, hoje, jovens de 18 anos que, no meio do curso, porque estão se aproximando de uma maturação, descobrem que não era aquilo que queriam estudar e entram numa angústia terrível.

Precisamos pensar assim: o que for desejo da criança, tentaremos atender, se pudermos. Mas não devemos impor, não precisamos ter medo de que ela fique defasada se não fizer tantos cursos. Quando fazemos querendo fazer, com muito mais maturidade, repomos isso no futuro, com muito mais qualidade.

> Esse excesso de atividades tem aumentado os casos de estresse entre crianças e adolescentes?

– Em psiquiatria, até uns 15 anos atrás, pouco se falava de estresse infantil ou depressão na infância. Hoje, temos encontrado crianças de seis anos com úlceras gástricas sérias por estresse e crianças muito agressivas. A agressividade é o primeiro sinal da depressão e, quando conhecemos a história da criança, ela tem pouco contato com os pais; tem mais contato com pessoas estranhas, e um contato extremamente formal. Frequenta curso de computação, disso, daquilo e, quando chega o final do dia, não brincou, está cansada e a aprendizagem já começa a ficar comprometida. Os pais devem ficar atentos, porque brincar é fundamental. Até cerca de dez anos de idade, a brincadeira é a maneira pela qual a nossa personalidade se desenvolve. Por isso, antigamente, existiam brincadeiras para todas as idades: pega-pega, balança-caixão, amarelinha, cobra-cega, passa anel e tudo mais. O telefone sem fio, por exemplo, de que também se brincava muito, é uma brincadeira erótica: imaginamos os lábios de um no ouvido do outro. É uma brincadeira erótica entre meninos e meninas que acabou.

A brincadeira, que era a forma natural de desenvolver a personalidade, foi substituída por uma sala de aula onde se tem de aprender. A ausência do brincar traz estresse e o estresse é o principal

responsável pelas doenças psicossomáticas: úlceras, alergias, problemas respiratórios, dores no corpo, dores nas costas. Se desenvolve essas doenças, além de fazer tudo o que faz – inglês, espanhol e tudo mais –, a criança ainda vai ter de ir ao fisioterapeuta, para tratar da coluna que está entortando de ficar o dia inteiro debruçada sobre uma mesa.

É preciso pensar que todo mundo tem de se preparar para a vida. Ainda mais agora, com a globalização, mas tem hora para isso. O momento da vida em que mais conseguimos aprender é depois dos 14 anos. Até os 14, aprendemos mais o que é prazeroso do que aquilo que é obrigatório.

> Você já falou sobre o excesso de atividades de crianças e adolescentes. Seria o caso de as escolas conversarem com os pais sobre o volume de tarefas escolares?

– Acho que é sempre importante os pais irem até a escola. A escola e os pais deveriam estar cada vez mais perto. Os pais devem ir até a escola questionar as tarefas. E não brigar por isso. Deve haver algum motivo para os professores estarem passando um grande número de tarefas, deve ter alguma direção pedagógica na escola para isso. Às vezes, o grande número de tarefas é uma maneira pedagógica de a escola poder ensinar e fazer com que seu filho aprenda melhor. É bom que os pais compareçam à escola para esclarecer, conversar com a orientadora pedagógica ou com os professores, falar de suas angústias, de suas dúvidas. Se puderem, devem também sentar-se com os filhos para ajudá-los nas tarefas e lembrar que eles é que escolheram a escola, o desejo de que os filhos vão à escola é dos pais.

> O que você diz da criança que entra na primeira série com seis anos? E com sete? Existe uma idade ideal?

– Hoje, cada escola segue um construto pedagógico diferente. Existem escolas que alfabetizam no pré, outras na primeira série e aquelas que deixam a alfabetização ocorrer desde o maternal. Cada escola tem uma maneira pedagógica própria.

O que precisamos saber é qual a linha que a escola segue. Se o filho vai ser alfabetizado com seis anos, como é que está a maturidade dele? As escolas geralmente fazem uma avaliação na criança para saber se ela tem maturidade para aprender, se já desenvolveu a prontidão para a aprendizagem. Existem escolas que chamam os pais e dizem: “Olha, vamos deixar seu filho mais um tempo aqui no pré, mais um ano, porque ele ainda é imaturo. Se for para a primeira série, vai ter problemas no futuro”. Então, os pais precisam saber qual é a linha que a escola adota. Essa pergunta sobre entrar na escola com seis ou sete anos não é pergunta que possamos responder sem saber qual é o construto pedagógico da escola e qual o nível de maturidade da criança. Algumas crianças de seis anos já têm maturidade equivalente a oito anos e vão aprender muito bem.

> Uma criança que brinca com as tias, as avós, deve ir para a escola mais cedo ou não? O que é melhor: a família ou a escola? Qual seria a idade ideal para ir à escola, no caso de uma criança que tem a possibilidade de ficar em casa, brincando com a família?

– Uma criança, não importa que idade tenha, precisa sempre de outra. Fico preocupado com crianças que brincam com adultos, porque, às vezes, o adulto se torna tão íntimo da criança que se esquece de lhe dar os limites e ela começa a perder o respeito pelo adulto com quem brinca ou a adquirir os vícios dele.

A escola é um mal necessário para a criança pequena, porque é o quintal de hoje, é onde ela se encontra com outras crianças. A melhor idade para ir à escola é a partir de um ano e oito meses. É quando a criança já tem estrutura para compreender algumas coisas.

E o que é melhor? Família ou escola? As duas coisas são boas. A escola é um complemento da família. A criança pode brincar com as tias, com as avós, mas precisa de outras crianças. Crianças pequenas de dois ou três anos, quando se juntam, aprendem a morder uma a outra, aprendem a competir e aprendem a se gostar.

Se a criança tem mais de um ano e oito meses, recomendo que os pais procurem uma escola pequena, que tenha uma professora com bastante tempo de casa e que já tenha aprendido a lidar com crianças e possa cuidar bem do filho deles. Na escola, ele vai aprender canções, vai aprender a comer junto com as outras crianças, a repartir, vai aprender a ter limites, porque na escola há horários. Tias e avós têm muita dificuldade de dar limite.

Adolescência pede ouvidos

> Quando você fala sobre a ética do cuidado, diz que é um papel que compete a todos – família, sociedade e escola. Gostaria que você comentasse o que poderia ter levado o jovem Mateus Meira a atirar a esmo dentro de um cinema em São Paulo e matar pessoas.

– Ninguém cuidou. O amigo não cuida, o professor não cuida. Este rapaz passou seis anos na universidade. Todo mundo via que ele estava doente, porém, ninguém cuidou. A família não cuidou. Ninguém sabia se estava indo ao psiquiatra ou não, e, no desespero interno desse jovem, ele pede para ser cuidado, matando.

Quando um jovem sai de madrugada pela rua buzinando, falando alto, isso se chama angústia e não prazer. Essa angústia é um pedido de cuidado. Às vezes, quando vemos uma cena na TV da polícia prendendo um ladrão, um assassino, um marginal, por que ficamos com a sensação de que ele é um coitado, frágil? Porque, mesmo que seja na mão da polícia, ele está sendo cuidado. Só que ele vai para uma cadeia ou uma penitenciária, onde ninguém mais cuidará dele. Assim, ele tem de sair, brigar de novo. Todas as vezes que escutamos gritos, desordens e perversões, estamos escutando pedidos de cuidado.

Fico imaginando esse rapaz, o Mateus. Quantas e quantas vezes ele deve ter feito coisas, como, por exemplo, ficar quieto e não se comunicar com ninguém? Isso é um pedido de cuidado. E quantas vezes o amigo se afastou dele, o professor se afastou? Não temos a ética do cuidado, não desenvolvemos isso. Um grupo de jovens sai à rua para beber e, naquele momento, está unido pelo prazer, mas, se um fica depressivo, os outros se afastam. Não temos esse incentivo ao cuidado, não cuidamos. Foi daí que apareceu aquela *mea culpa* de todo mundo em relação ao Mateus. Esse jovem estava visivelmente pedindo ajuda e ninguém cuidou. Desde a família até o colega que sentava na carteira ao lado dele na universidade.

> A mãe de uma adolescente de 16 anos conta que, quando a filha faz amigos que ela aprova, a menina se afasta deles. Mas quando essa mãe não os aprova, por vários motivos, a filha se torna mais amiga deles. Como explicar isso?

– Isso é típico do adolescente, mas, se está muito acentuado, diria à mãe: veja se você não está interferindo em algum sentimento da sua filha. Você é mãe de uma adolescente de 16 anos e sua função na vida dela é saber dela, saber dos desejos, ver onde ela está indo, quem são os amigos, mas tomar cuidado com essa história de aprovar ou não. Uma coisa é saber o que está acontecendo na vida de um filho, outra é fazer juízos a respeito do que ele escolhe.

Pais não podem ser juízes, porque pais são maus juízes. Nós, que amamos nossos filhos e temos medo de perdê-los, às vezes, em vez de darmos limites, fazemos julgamento: “Olha o jeito como sua amiga se

veste!”; “Olha o jeito como ela fala!”; “Onde já se viu ter uma amiga assim?”; “Olha o jeito como seu namorado é!”. Se nos tornamos juízes, o filho, para se afirmar, faz exatamente o contrário do que julgamos.

Eu recomendaria que, em vez de julgar, a mãe trouxesse para perto dela os amigos e amigas da filha, mesmo que não goste deles. Moramos num país onde pouca gente cuida de filho. Este é o nosso grande problema. Não temos a ética do cuidado, não somos convidados a cuidar. Ao contrário, na TV, as pessoas sempre dizem assim: “Mãe precisa ter férias de filho, mãe precisa se cuidar”. É mentira. Às vezes, a amiga da sua filha está mal, porque não tem quem cuide dela. Tenho dito às mães e aos pais que se preocupam com os filhos que tragam os amigos dos filhos para dentro de casa e, se precisar, cuidem deles também.

Conheço mães e pais que fazem de suas casas um orfanato nos fins de semana, de tantos amigos do filho que vão lá. Eles vão, também, para desabafar, porque na casa deles não há cuidado. No fim de semana, a mãe sai com o pai, vão para um hotel fazenda, para se livrar dos filhos.

A amiga da sua filha, por exemplo, pode estar sofrendo, porque não tem quem a ouça. Pare de fazer juízo sobre as coisas que a sua filha escolhe e leve a amiga dela e os outros amigos para perto de você. Faça coisas em casa, convide-os, reserve o seu fim de semana para ser uma cuidadora e cuide de todo mundo. Quanto mais você fizer juízo a respeito dos amigos que sua filha escolheu, mais ela vai se aproximar deles. Imagine se um psicopata se aproxima da sua filha, você percebe e começa a criticar. Ele ganha a sua filha de você e você perde a sua filha para um maluco. Repito aos pais que encham a casa, o apartamento de amigos dos filhos e aproximem-se deles. Mesmo que morem em uma

quitinete. Como pais, vão ter uma surpresa impressionante, que é receber pedidos dos amigos dos filhos. Talvez, no começo, os filhos se afastem do que você está fazendo, mas não faça seleção, o que ela escolher traga para perto de você. Dê limite para ela, como, por exemplo: “Você não vai sair, mas pode se reunir com seus amigos aqui”. É a maneira de cuidar dela e ajudar e espero que dê certo.

> A depressão do jovem é afetiva ou orgânica? Ou as duas coisas?

– As duas coisas. A depressão no adolescente é psicológica, porque, quando seu corpo começa a mudar na puberdade, ele sofre de autoestima baixa, tem um sentimento de desvalor muito grande e apresenta sinais depressivos. Mas há também a depressão orgânica, que é comum na adolescência, por causa das mudanças hormonais. A época da vida em que nossos hormônios mais mudam é dos 11 aos 21 anos. Nessa fase, é comum estarmos bem e, de repente, ficarmos numa “deprê” violenta ou “de bode”, como o jovem costuma dizer. Por isso, temos de tomar muito cuidado e lembrar de nunca dar conselho nem opinião aos adolescentes. Devemos ficar junto e escutar.

> Como explicar a queda no rendimento escolar de um menino de 12 anos que é bom, tem limites e o pai está sempre presente?

– Doze anos, adolescência. A ação dos hormônios começa a se intensificar, perdemos a memória e a motivação pela escola. O que fazer com esse menino? O pai deve continuar sempre presente, manter os

limites e a parceria entre escola e família. É bom ir até a escola, para saber como está a classe desse menino, porque, se o filho é bom, tem limites e pai presente, ele é o único, poucos meninos de 12 anos hoje são bons, têm limites e pai presente. Então, é bom ir à escola e perguntar como está a classe, ver se a classe não está desmotivando o menino com discriminações ou rejeições. Caso seja esse o motivo da queda no rendimento escolar, os pais devem mostrar ao filho, por meio de palavras e atitudes coerentes, que somos diferentes uns dos outros, que a diferença é benigna e necessária, que ser diferente não significa ser errado.

> A mãe de uma adolescente de 18 anos diz que a filha está desmotivada, largou a faculdade e voltou a fazer cursinho. A mãe procura orientar a filha e ajudá-la, mas não sabe que caminhos apontar neste momento.

– A primeira coisa a fazer é a mãe não se cobrar. Não é ela quem vai mostrar saídas para a filha. Lembremos que nós, pais, somos raízes e asas, não respostas para os filhos. Nenhum pai tem a resposta de que o filho precisa.

Se a filha está desmotivada, talvez não seja por causa do curso; talvez seja algum problema que está tendo consigo mesma. Recomendo que a mãe escute a filha, porque esta deve estar com algum problema que não consegue expressar. A mãe só pode escutá-la. Lembremos que a filha está numa idade em que o futuro começa a preocupar. Está também na idade da paixão, pode ser que haja algum rapaz de quem ela goste, algum namoro que terminou. Ou talvez alguma decepção com um

adulto, com a faculdade. A moça precisa falar sobre isso com alguém e esse alguém é a mãe, que tem de escutá-la.

A mãe parece estar com a autoestima baixa e também precisa se cuidar, lembrar-se de que está viva, de que seu papel de mãe não é o único. A filha está assustada com as perspectivas do futuro e a forma como a mãe encara o próprio presente pode ajudá-la ou assustá-la. O valor que a mãe dá às escolhas que fez na vida pode ser fundamental para ajudar a filha. A forma como encara os desprazeres inerentes a toda e qualquer escolha vai servir de modelo para a filha, que, como adolescente, não se percebe capaz de suportar os possíveis desprazeres decorrentes das escolha que faz.

> Um pai mora longe dos filhos de 11 e 15 anos e quer resgatar a intimidade com os garotos, mas não sabe como.

– Não sei quanto tempo esse pai passa longe dos filhos e se isso está acontecendo por causa de trabalho ou se é por separação. O importante é pensar que, de alguma forma, tem de haver contato, mesmo que seja por telefone, carta, *e-mail*. Nesse contato, o pai não deve ficar perguntando como os filhos estão. Deve contar de si mesmo, de seu trabalho, de como está. Todo dia, se possível, deve ter algum contato e falar de si.

O pai precisa lembrar que, se perguntar dos filhos, eles vão responder: “Nós estamos bem, pai!”. Talvez não contem muito de si e a conversa seja curta. Se eles falarem que estão mal, não vai adiantar, porque o pai está longe e não vai poder fazer nada. O pai falar bastante

de si mesmo é uma forma de estimular os filhos a falarem deles e, assim, poderão resgatar a intimidade.

Dependendo do motivo dessa distância, o pai vai ter de tomar alguns cuidados. Talvez não possa comentar ainda algumas coisas mais íntimas, mas é importante que conte do dia a dia, da saudade, da vontade de estar junto e se esforçar como puder para ter contato físico com os filhos. A importância do contato físico nesses casos é muito grande, já que são dois adolescentes, de 11 e 15 anos. O adolescente, embora sinta vergonha do contato físico com os pais, gosta disso, mas na intimidade da casa. Então, o pai que fica longe dos filhos, no momento do contato, geralmente, vai para um *shopping* e o contato não acontece, porque os filhos não vão ficar abraçando o pai no *shopping*. É preciso ir a um lugar onde possam se abraçar, conversar, ficar um pouco de mãos dadas e falar de intimidade.

> A mãe de um adolescente de 16 anos está preocupada, porque deixa o filho sozinho em casa com a namorada, de 14 anos.

– Imaginem um rapaz de 16 anos com uma moça de 14, os dois sozinhos dentro de casa. Isso é uma bomba atômica. A primeira coisa é evitar que fiquem sozinhos. Essa moça deve ter mãe e pai, deve ter família também. Seria bom a mãe do rapaz conversar com ela e o filho juntos, dizer a eles que os dois estão com os hormônios sexuais à flor da pele e que um olhar já acende o desejo. Essa sexualidade é muito bonita, o problema é que ela pode trazer consequências, como uma gravidez. E, amanhã, pode haver uma separação e essa separação pode trazer dor para os dois. Além de conversar com eles, essa mãe deve

procurar conhecer a família da moça. Talvez eles possam ficar na casa dela, com a família dela, para não ficarem sozinhos quando a mãe do rapaz tiver de sair. Esse é um belo problema, e seria bom sentar com esses dois e falar do medo dos pais, da preocupação deles.

> Um casal quer saber como lidar com a questão do estímulo precoce à sexualidade.

– Já disse que a sexualidade é uma coisa muito bonita, prazerosa, mas que pode ter consequências terríveis. Imaginemos uma menina de 14 anos com um menino de 16 sendo pais. Não existe maturidade nem desejo suficiente para isso. Essa menina de 14 vai perder a adolescência.

Se assistirmos a reportagens sobre gravidez precoce, veremos que a consequência é a depressão, porque o bebê nasce, cresce e precisa cada vez mais da mãe, que está sozinha, pois o rapaz nem sempre fica junto com ela, não é parceiro.

Outra coisa que pode acontecer com a sexualidade precoce é os adolescentes se machucarem. Eles se amam muito, transam e, depois de pouco tempo, terminam o namoro. Isso pode trazer uma dor que eles não vão perceber a princípio, mas que, mais tarde, pode ter consequências na sexualidade deles com outras pessoas.

> Existem adolescentes responsáveis em relação à sexualidade?

– Não conheço nenhum adolescente normal responsável. Quando somos adolescentes, somos portadores de um monte de hormônios. Por mais cabeça no lugar que tenhamos, perdemos o controle muito facilmente. Existem adolescentes bem cuidados, afetivos, que evitam a intimidade para não perder o controle. Esse seria um adolescente responsável. Mas um adolescente responsável sozinho num quarto com uma moça é muito difícil, a não ser que ele saia gritando “manhêêê”.

3. Cuidados: Cuidar é...

Dar limites (e saber suportar frustração)

A partir de que idade uma criança precisa ter limite?

– Os limites começam exatamente no momento em que a criança é gerada. O primeiro limite da criança é ser desejada por pais que estão dispostos a se sacrificarem por ela, conscientes da necessidade de estarem presentes para poderem cuidar. À medida que a criança vai crescendo, novos limites vão sendo necessários, visto que cada fase da vida exige cuidados diferentes. O que é importante é a criança perceber que os pais não abrem mão da tarefa de cuidar dela, e que isso implica limites.

Uma criança de três anos, por exemplo, quando ouvir da mãe “agora, você vai tomar banho”, ela vai tomar banho. Pode chorar, gritar, berrar, mas vai tomar banho. A palavra dita tem de ser a realizada. Isso cria segurança e cria o limite, e o limite cria a personalidade sadia.

Do nascimento até o final da adolescência, que não sabemos quando termina – há pessoas que termina a adolescência com 30 anos –, o indivíduo precisa de limite e o limite tem de partir sempre de quem cuida para quem é cuidado e não o oposto. Quando uma criança pequena começa a determinar a que horas vai comer e tomar banho, então, não há limite. É o pai quem dá limite, é a mãe quem dá limite, é o professor quem dá limite, enfim, quem cuida dá o limite.

O que acontece quando há divergências entre pai e mãe com relação aos limites dados aos filhos?

– Ah, é complicado! Sempre deve haver entre os pais um acordo, uma conversa a respeito do que querem para os filhos. Nem sempre todo mundo é informado, de maneira adequada, a respeito de limites. Às vezes, um pai ou uma mãe divergem com relação ao limite dado pelo outro ao filho, por causa da educação que receberam. Por exemplo, o pai pode achar que o seu pai foi muito rígido e ele não quer ser com seu filho como seu pai foi com ele.

A melhor coisa a fazer é, antes de definir alguma coisa, os pais saírem juntos e sozinhos, para conversar, conversar, conversar. E lembrar que não podemos tentar repetir na vida dos nossos filhos a nossa própria vida. O tempo e a sociedade hoje são diferentes do que eram há cinco, 15 e 50 anos. Hoje, uma pessoa sem limite se torna presa fácil do traficante, do psicopata. Se abrirmos os jornais, vamos entender do que estou falando.

O limite é uma maneira técnica, digna, de crianças poderem perceber que precisam ser cuidadas por gente que gosta delas. Se os pais divergem, é hora de não fazer nada, parar um pouco de tentar e conversar até chegar a um acordo. Se não conseguirem sozinhos, peçam ajuda para uma outra pessoa, para um profissional, para que compreendam onde está a divergência. Às vezes, a divergência está no medo, no medo de fazer alguma coisa com o filho que foi feita com eles ou de repetir alguma coisa que acham que foi ruim. A melhor maneira de resolver isso é o diálogo.

> Dar limites é fundamental, mas como impô-los sem estar o tempo todo dizendo “não” para um menino de cinco anos? Como agir com autoridade e firmeza sem autoritarismo?

– A diferença entre ter autoridade e ser autoritário é muito simples. Uma pessoa com autoridade vai cuidar. Cuidar significa oferecer à criança o contorno, a fronteira até onde ela pode ir. Quando digo “não” para um menino de cinco anos é porque ele ultrapassou essa fronteira ou esse limite que eu, como pai, mãe ou professor estabeleci para ele.

Dizer “não” vai resultar em um processo de crise para a criança de três a cinco anos, chamado frustração. É a crise de frustração. Ela vai xingar, gritar, se jogar no chão, e aí entra a diferença entre autoritarismo e autoridade. A autoridade é afetiva e permite a crise, que sempre tem começo, meio e fim. Uma criança em crise vai gritar, chorar e, no final, surge uma reação muito afetiva, quando ela vai chamar “mamãããee”, ou “papaaiiii” e abraçar, beijar e pronto. O pai com autoridade permite a crise sem reprimir, sem ofender aquele espaço que a personalidade da criança precisa.

Já o autoritarismo diz “não” e não permite a crise, isto é, o autoritarismo faz com que a criança receba o limite do não e receba um outro limite para a crise. Às vezes, filhos de pais autoritários apanham porque tiveram uma crise de frustração. O autoritarismo é uma lesão, uma invasão e uma violência, que não permite que o sujeito que recebeu o limite manifeste o que esse limite provocou nele.

> Mas, para muitos pais, é muito tênue a linha que separa a autoridade do autoritarismo, não é?

– É, e acho que muitos pais não suportam imaginar que os filhos são normais. Crianças normais, crianças sadias, são crianças que vão reagir ao limite, como o adolescente vai reagir ao limite e os pais precisam entender. É justamente na reação aos limites que a criança aprende talvez a lição mais importante que um ser humano, numa sociedade capitalista, tenha de aprender: suportar a frustração. Quando se suporta a frustração, não se pensa em suicídio, não se pensa em droga, não se pensa em sumir da vida.

Quando o pai não suporta a frustração do filho e o agride por ele estar frustrado, ele também faz com que o filho não suporte a frustração, e vamos criar as grandes patologias, como as psicopatias e as depressões.

> Quer dizer que a colocação de limites é fundamental para a construção da identidade, pois cria um suporte para frustração?

– É fundamental. A vida é feita de frustrações. Existe um ditado muito antigo que gosto muito de falar, mais ou menos assim: “O homem põe, a vida dispõe”. Quer dizer, marquei um churrasco sábado com meus amigos e choveu. Preciso aprender a suportar essa frustração e achar uma saída. O sujeito que não suporta a frustração provavelmente vai ficar agressivo no sábado, vai tratar mal as pessoas que ama, vai agredir os objetos de que gosta, porque alguma coisa deu errado. É

justamente a composição do limite mais a composição da frustração que vão dar exatamente naquilo que chamávamos antigamente de saúde mental.

> Você já falou sobre “asas e raízes”, que envolvem a família como referência afetiva para a criança. Podemos pensar que “dar asas” inclui dar limites?

– Exatamente. Não se pode libertar quem não foi aprisionado. O limite é essa doce prisão, onde o filho vai poder enfrentar a frustração, vai poder perceber que pertence a alguém, à raiz. E vai começar a pensar em como criar asas. Criar asas não é fugir de casa, criar asas é ter condições de se cuidar.

É dentro da prisão que criamos asas, fora da prisão, não precisamos delas. O limite é uma doce prisão, onde o desejo dos pais aprisiona os filhos. A libertação disso é a criação do desejo próprio. O limite cria desejo nos filhos. Quando não há limite, não há desejo.

Há uma porção de adultos que ainda moram com os pais, que estão fazendo a quarta, quinta faculdade, estão no quarto, quinto casamento, porque não têm desejo, tiveram uma infância e uma adolescência livres, mas não têm desejos. Na verdade, não se libertaram de nada, ainda estão procurando coisas para ter prazer.

Quando uma criança ou um adolescente começa a perceber que pertence aos pais, que é o desejo dos pais que comanda sua vida, pode começar a desenvolver o próprio desejo. Por exemplo, a escolha de uma profissão, de um namorado, uma namorada, de um trabalho, o

questionamento sobre o lugar onde vive, sobre o governo, terá formação de opinião sobre a vida, a sociedade, os amigos.

> Um pai quer saber como os limites na infância podem auxiliar o adolescente na escolha de uma profissão.

– Quando os pais estabelecem limites para a criança, ela começa a criar um desejo para sentir prazer consigo mesma. Grande parte dos desenhistas começou a desenhar com dois ou três anos de idade. Eram filhos de pais rígidos, rígidos no bom sentido, pais limitadores, amantes do filho, que gostam do filho. O pai que gosta consegue dar limite.

Percebemos que famílias afetivas desencadeiam desejos precoces nos filhos e esses desejos vão se especializando de maneira que, às vezes, com 11 ou 12 anos, eles já sabem que faculdade querem fazer. Famílias que não dão limite criam confusão na cabeça dos filhos, porque o pai diz assim: “Olha, você precisa escolher! E escolha alguma profissão boa”. Quer dizer, não é escolha de alguma coisa que lhe dê prazer, porque quem não tem desejo não tem prazer.

Às vezes, o pai olha para o filho e vê um filho descontente o tempo todo. Ganhou um presente e está descontente, ganhou 20 pacotinhos de figurinhas e está reclamando, comeu a comida que quis e está reclamando. Por que essa criança reclama tanto? Porque ela não tem desejo, ela vive o prazer do momento, ela não tem desejo.

O que é ter desejo? É esperar pelo prazer. O que é não ter desejo? É querer ter prazer sem esperar por ele. Famílias não afetivas geram isso. Precisam ter prazer a toda hora, porque não conseguem ter desejo.

Existem alguns estudos feitos na Universidade da Califórnia, nos Estados Unidos, com famílias afetivas, mostrando que nessas famílias a criança começa a manifestar seus desejos já nos primeiros anos de vida, e consegue fazer a escolha profissional que mais lhe agrada.

> Uma mãe quer saber até que ponto a agressividade da criança diante do “não” é importante e qual a melhor forma de agir. Excesso de limite pode causar algum tipo de risco ou de sequela na adolescência?

– O limite não é um ato agressivo. O limite é a imposição, ao filho, do desejo do pai. Imaginemos um filho com seis anos. Ele precisa tomar banho e alguém tem de cuidar disso. Quando ele não quer tomar banho, naturalmente, vai reagir com birra. Essa reação não deve ser vista como agressividade, é apenas demonstração de frustração. Ele está querendo ver desenho na TV, mas alguém o levou para tomar banho. Isso nunca traz sequelas negativas. O que pode prejudicar o desenvolvimento psicológico é o excesso de explicações: “Filho, venha tomar banho por causa disso e daquilo”. A criança sente que a mãe, ou quem está com a tarefa de cuidar, está pedindo permissão. Quando temos de pedir licença para amar nossos filhos é porque não os amamos. Isso, sim, traz sequelas na adolescência, bem como a agressividade dos pais. Outra sequela perigosa, gerada pelas “explicações”, é que elas denotam uma crítica ao desejo diferente manifestado pela criança: “Filho, é errado não querer tomar banho agora, o certo é o que eu penso”. Se digo que ser diferente de mim é errado, como vou proporcionar o desenvolvimento da identidade dessa criança?

Existem pais que começam com paciência: “Filho, vamos tomar banho?”. E o filho fala: “Não!”. Mas, dali a pouco, pegam uma cinta e batem. Isso traz sequelas na adolescência. O limite não é agressivo. O limite é cuidadoso, o limite é cuidador. Pegar na mão de uma criança de seis anos e levá-la para o banho ou para almoçar ou dizer a ela que é hora de dormir não é agressivo.

> É muito comum ter dúvidas sobre o que traz sequelas ou algum tipo de transtorno no futuro.

– Porque as pessoas confundem limite com raiva, com agressividade. O limite é uma imposição do cuidado do pai e não uma raiva do pai. Quem não sabe dar limite agride e isso leva a sequelas. As pessoas têm medo de dar limite, porque imaginam que estão roubando o prazer do filho. Impedir uma criança de continuar vendo o desenho para que tome banho, jante ou vá para a escola significa cuidar dela. Quer coisa mais difícil que pedir para uma criança escovar os dentes? Nessa hora, temos de pegar e levar. Bater porque não escovou, porque não obedeceu, isso sim traz sequelas.

O limite é a imposição de um desejo do pai, que vai frustrar a criança. E na frustração, ou melhor, na raiva da criança que está frustrada, não se mexe. Temos de permitir que ela grite, xingue, pule, quebre os brinquedos. A raiva tem começo, meio e fim. Depois, a criança fica bem.

> Você fala que bater muito traz sequelas. Como assim? Com acompanhamento psicológico, há chances de reduzir essas sequelas?

– Uma criança que apanha vai ser agressiva no futuro. Da mesma maneira, uma criança abusada sexualmente, quando ficar adulta, vai abusar sexualmente de outras crianças. Se essa criança que apanha tiver um tratamento logo, tudo bem. Mas imaginemos alguém que passou a vida, a infância e a adolescência, apanhando. Quando for um adulto e se casar, vai ser agressivo com a mulher, com os filhos. Se tomar consciência e for se tratar, esse tratamento vai demorar muito tempo, porque vai ser necessário trabalhar toda a infância e toda a adolescência de agressão, mas claro que vai trazer ganho para essa pessoa.

O mais importante é que os pais se cuidem, que busquem orientação. Hoje, as prefeituras e as universidades oferecem gratuitamente serviços de orientação. Por isso, sempre pedimos aos pais: “Olha, você vai ter um filho? Vá buscar ajuda, veja como funciona um filho, há regras para criar, há manual, é preciso saber o que fazer”. E uma das condições para um filho sadio é o limite.

> Quer dizer que você não é favorável a uns tapas nos filhos, nem de vez em quando?

– Não sou a favor disso, pelo seguinte: quando um pai tem de bater num filho é porque não deu limite. Limite é assim: se digo para meu filho de 15 anos “você não vai sair hoje!”, tranco a porta e, se tiver de rolar com ele no chão, vou rolar, mas ele não vai sair. Com meu filho de três anos é a mesma coisa, se digo para ele “agora você vai para a cama!” e ele começa a gritar, a chorar, ele vai para a cama do mesmo jeito. Vou pegá-lo no colo e ele vai para a cama.

Quando é que batemos? Quando nos sentimos impotentes. Quando que nos sentimos impotentes? Quando falamos e ficamos esperando que o outro concorde. O outro não concorda e falamos de novo, de novo e de novo, e o outro não age. Quando damos limite, não precisamos bater. Agora, se digo ao meu filho “filho, se você não for já tomar banho, vou te bater!”, aí, se ele não for, tem de bater. Palavra dita é palavra realizada.

Não pensemos na questão de a criança apanhar; pensemos no limite. Se um pai diz “vou contar até três, se você não for, vou dar uma chinelada na sua bunda”, vai ter de dar a chinelada, porque isso não é bater, é dar limite. A criança tem de perceber que o cuidador não abre mão dos seus cuidados. Mas, se pudermos evitar bater, é melhor. Acho que esse tipo de dor não nos faz aprender.

> Qual a importância de manter horários para tarefas rotineiras das crianças?

– É muito importante a rotina na vida do ser humano. Manter horários estabelecidos para os filhos é muito bom. Mas lembremos também de deixar um horário para eles brincarem. O relógio é um limite, o relógio marca a hora de levantar, trabalhar, comer. Tudo na vida tem de ter limites, e a rotina é a melhor maneira de estabelecê-los.

Acredito que, usando essa rotina dentro de casa, com hora de brincar, hora de escovar os dentes, hora de dormir, os filhos crescem crianças muito seguras. Quanto mais claros forem os limites, mais seguro se sente o filho e a criança que se sente segura fica chata e nunca quer ir na hora determinada: “Ah, mas já é hora?”. Mas essa frustração é bem-vinda, é normal no ser humano. A segurança que o limite trará

para essa criança no futuro é impagável, proporciona um desenvolvimento emocionalmente equilibrado.

> Como tratar o limite com crianças de dois e quatro anos? O menor não entende, diz uma mãe. Ela o colocou na escola, mas está preocupada e quer saber se isso pode causar algum problema.

– Não conheço nenhuma criança, nem de dois nem de 20 anos, que entenda limite. Não precisamos entender o limite, o que precisamos saber é que a mãe e o pai cuidam de nós.

Então, o filho de dois, o filho de quatro ou o filho de 20, ou ainda um de apenas seis meses de vida, o que eles entendem é o amor dos pais. E a única maneira de entender o amor de alguém é por meio do cuidado com que esse alguém nos trata. O limite é a melhor e mais concreta forma de cuidar do outro. Não fiquemos preocupados, achando que o filho não entende. Ele não vai compreender o limite, mas vai entender o cuidado. Vai se jogar no chão, vai achar ruim, mas, se mantivermos o limite, dali a pouco, perceberemos que, quando a frustração passar, ele ficará afetivo e carinhoso.

Se há algum problema em ter colocado o filho de dois anos na escola? A escola, hoje, o maternal, o infantil e o jardim da infância são um mal necessário. Há 50 ou 100 anos, jamais colocaríamos uma criança de dois anos na escola, porque ela estaria na rua brincando com as galinhas, com os cachorros, com os amiguinhos, com os vizinhos e todo mundo estaria cuidando dela. Ela estaria aprendendo canções, conheceria aquele vizinho que sabia pescar e a estaria ensinando a

pescar, a pôr minhoca no anzol e tudo mais. Hoje, a sociedade mudou, já não colocamos a cadeira na rua para conversar com os vizinhos e as crianças não podem mais brincar na rua, porque podem ser atropeladas, raptadas, estupradas. A nossa sociedade não permite que a socialização se faça na rua, por isso, a escola passa a ser um mal necessário.

Assim, essa mãe fez certinho. Sempre recomendo aos pais que, a partir de um ano e oito meses, ponham as crianças em maternais, para que elas brinquem, aprendam a se relacionar com crianças da mesma idade, aprendam canções e alguns limites também. A escola é uma extensão da família. Hoje, precisamos da escola desde que os filhos são muito pequenos. Temos de trabalhar, a vida mudou, a qualidade de vida mudou, temos de contar com a escola.

Mas escolhamos uma escola em que tenhamos certeza de que as professoras trabalhem lá há bastante tempo, que não seja uma escola que troca professores a cada mês ou a cada seis meses. A escola precisa ser bem estruturada e os professores não podem estar muito preocupados em ensinar apenas conceitos, devem estar dispostos a colaborar para um adequado desenvolvimento afetivo-social das crianças. O importante nessa idade é que ela se divirta, brinque, tenha amiguinhos e regras para seguir dentro da escola.

> As escolas e a imprensa estão fazendo uma avaliação das escolas do estado de São Paulo e das capitais, para ver como está o resgate dos limites que pais e escolas deveriam impor às crianças e aos adolescentes. Uma professora de Londrina quer saber qual é a sua opinião.

– A escola tem de se tornar novamente um lugar afetivo, um lugar prazeroso e, para isso, tem de oferecer aos professores esse mesmo lugar. Temos um problema sério em relação ao professor. No passado, ele era extremamente respeitado, já chegou a ser mais respeitado que um juiz, mais que um médico. Mas, hoje, o professor está relegado ao plano de um serviçal qualquer, de um operário qualquer. Ele vai cumprir meta na escola. Conheço professores que dão aula das sete da manhã à meia-noite, em três escolas diferentes, não sabem o nome de todos os alunos, não têm condições de trabalho, ganham muito pouco, não têm como estudar nem como comprar seus próprios livros.

É preciso valorizar o professor. A escola tem de refletir sobre o fato de que ela é a segunda instituição na vida de uma pessoa. A primeira é a família. A marca que trazemos da escola é fundamental. Se trazemos uma marca ruim, provavelmente, toda a nossa vida acadêmica estará comprometida. Se trazemos uma marca boa, poderemos evoluir muito, descobrindo o prazer da leitura, que é tão necessária, o prazer da conquista do saber e tudo mais. A escola como lugar de educação que resgata limites e posições de ação diante do aluno é fundamental para nossa sociedade.

Em outros países e nos Estados Unidos, que conheço bem, o processo de educação nunca perdeu esse lugar. Numa cidade dos Estados Unidos onde trabalhei, a neve tirava a cobertura de tinta dos bancos de madeira da praça. Quando começava a primavera, repintavam-se os bancos e reflorestava-se a praça. As pessoas convocadas pelo prefeito para fazer isso eram as professoras primárias. Elas decidiam a cor dos bancos, que tipo de equipamento a praça teria, se deixariam os mesmos brinquedos para as crianças ou não. As pessoas convocadas para visitar as bibliotecas e verificar o que estava faltando eram os professores. Aqui, no nosso país, não sei para que o professor

tem sido chamado. O professor primário é o professor mais importante na vida de um ser humano: é o que alfabetiza. É uma lembrança que o ser humano leva para o resto de sua vida.

A escola precisa voltar a pensar que ela é o quintal da família, o quintal da casa, a extensão da casa. A escola e a família não podem duelar para ver quem tem de educar. A escola e a família são complementares, têm de andar juntas.

> E como fazer da educação dos filhos uma coisa prazerosa? Você disse que filho não dá prazer, dá trabalho. Ainda assim, é possível fazer com que pequenos prazeres na educação das crianças se instituam no cotidiano?

– É possível, se reconceituarmos a ideia de prazer. Os filósofos buscavam na vida humana a ideia da felicidade. Como não conseguiram encontrá-la, alguns outros filósofos, de outras correntes, começaram a pensar na ideia do prazer. Poderíamos começar a pensar assim: o que é felicidade? Felicidade é eu poder imaginar que tenho uma ligação de amor com algo ou com alguém, mesmo que não esteja perto desse algo ou desse alguém. É poder encontrar e fazer ofertas. Por exemplo: se sou médico, sou capaz de fazer ofertas para o paciente. Se sou professor, faço ofertas para o aluno. Os pais devem ser capazes de fazer ofertas para os filhos.

Mas qual é a oferta que um pai faz para o filho? O cuidado, o limite, que são atitudes que geram desprazer. O fato de eu saber que posso oferecer isso para meu filho e que isso amanhã vai ser bom, isso é

felicidade. Nenhum processo de educação vai se tornar prazeroso se não pensarmos em termos de amanhã. Por exemplo, vamos pensar num menino de cinco anos. Imaginemos como é desprazeroso para ele escovar os dentes. Ele está assistindo à TV, quando alguém chega e diz: “Vai escovar os dentes!”. Ele não vai querer. Alguém terá de ir lá, pegar na mão dele, levá-lo ao banheiro, escutar o xingo dele, o grito dele, vê-lo jogar-se no chão. Se imaginarmos que, amanhã, isso renderá frutos para quem amamos, podemos sentir prazer de estar cuidando. Dizer não à TV e levar para escovar os dentes não é prazeroso, mas saber que essa é uma oferta que contribuirá beneficamente para a vida de um filho é prazeroso.

Dizer “não” ao filho de 14 anos, que está querendo ir para a boate, e aguentar o chute que ele vai dar na porta do guarda-roupa, os xingos que vai dizer e pensar que amanhã esse adolescente poderá ser um ser humano mais íntegro, mais estável, sem vício em drogas, sem ideias de suicídio, sem aids, talvez isso seja felicidade. A educação se torna prazerosa quando tenho prazer em fazer a oferta. O resultado dela não vejo hoje. Quem ensina matemática tem de pensar que isso é para amanhã. Quem ensina amor tem de pensar que isso é para amanhã e saber que, hoje, muitas vezes, a oferta não é prazerosa para quem a recebe.

Temos de ter paciência, acima de tudo?

– Vou usar um outro termo: tolerância. Pais que toleram a própria frustração e a do filho, aguardando o prazer que virá depois, estão cuidando do filho. Hoje, vive-se muito o prazer imediato, que geralmente contradiz as necessidades da criança em desenvolvimento. A batatinha frita da lanchonete é mais gostosa que o brócolis, mas qual

dos dois alimentos vai dar mais saúde física à criança no futuro? Tolerar a cara feia da criança ao comer a verdura é dar limite ao impulso do prazer imediato.

> Uma mãe conta que muitos pais deixam seus filhos adolescentes voltarem para casa de madrugada, já outros não. Qual é o parâmetro para saber que atitude é correta?

– A questão de certo ou errado não está em jogo. O que temos de perguntar é: a mãe proíbe o filho de voltar para casa de madrugada, mas assume isso com medo ou com sentimento? É assim que funciona, e isso se chama limite.

Infelizmente, não temos na nossa sociedade um conceito de limite. Como os pais estão muito infelizes, muito tristes e, às vezes, querendo que os filhos não fiquem tristes como eles, param de dar limites e deixam o filho fazer o que quiser. Afinal de contas, ele está tendo prazer.

Limite é: eu vou cuidar de você, você não vai chegar de madrugada e pronto. É assim que funciona. O limite não é certo nem errado, é bom para o psiquismo do filho. Com o limite, é bom que ele se frustre, que brigue com os pais, chame a mãe de chata, ache que ela é uma bruxa horrorosa. Amanhã, quando ele for pai, vai agradecer. Devemos lembrar que não criamos o filho apenas para o presente; cuidamos para que ele tenha um futuro saudável. Com limites, estaremos criando um bom ser humano e espero que o filho, um dia, possa realmente agradecer aos pais.

> Um adolescente de 16 anos pede sempre o carro da família para dirigir. Conta a mãe que ele diz: “Se tiver que morrer, eu vou morrer”. Ele pressiona a família dizendo que os pais dos amigos permitem que eles usem carro. Diante da negativa da família, o comportamento desse jovem é agressivo. Como contornar a situação?

– Esse filho é como todo adolescente, refém da sociedade que diz que todo mundo só tem de ter prazer, não tem de ter obrigação. Se ele tem 16 anos, não deve dirigir ainda e é claro que, quando a família dá o seu limite, ele fica agressivo.

Acho que os pais deveriam manter o seu limite. Essa história de que “se tiver que morrer, eu vou morrer”, tudo bem. O problema é que ele também pode matar, matar um amigo, matar uma pessoa na rua e talvez nem pense nisso, porque os adolescentes, a partir dos 12 anos, perdem o juízo crítico e só ficam ligados no prazer, com muita dificuldade de imaginar as coisas ruins que podem acontecer. O prazer cega para as consequências.

Acho que os pais têm de manter o limite e pensar o seguinte: a agressividade é uma maneira que o adolescente tem para mostrar a frustração. Os pais têm de dar o limite e não ficar falando muito, argumentando. Não abrir mão do limite e deixar o filho com a agressividade dele. Não interrompam essa agressividade, mas não fiquem se justificando. Uma das formas de cuidar do adolescente é seguindo regras, e um rapaz de 16 anos não deve dirigir.

Quando ele diz que todos os pais dos amigos permitem que seus filhos dirijam, fico preocupado com o destino do nosso país. Hoje, o número de jovens que morrem dentro de um carro no Brasil, por ano, é maior do que o número dos que morreram na guerra do Vietnã em oito anos. Isso acontece porque os pais têm medo de dar limite, de tirar o prazer do filho e dizem sim para uma coisa tão séria. Se os pais forem a uma universidade que faz pesquisas sobre acidentes vão ficar impressionados com o número de jovens que morrem por dia no nosso país com menos de 18 anos e com amigos dentro do carro. Os pais têm de deixar o limite claro. Esse tipo de cuidado é a única maneira de amar os filhos. É importante também que os pais sejam maduros, no sentido da conscientização de que somos diferentes uns dos outros, e percebam que, se mudarem as próprias regras “por causa dos outros” – parentes, vizinhos, amigos –, estarão passando para os filhos a referência de desvalor da própria identidade. Neste momento, cabe apenas dizer ao filho: “Eu sou seu pai e não pai do fulano, é com você que me preocupo.”

Sem tempo para conviver com os filhos

> O pai de um bebê de quatro meses conta que, por causa do dia a dia muito corrido, ele não fica com o filho tanto tempo quanto gostaria. Acrescenta que essa é a realidade de muitas famílias, mas que se sente culpado.

– Hoje, sabemos que, em cada época das nossas vidas, precisamos dos nossos pais de uma maneira diferente. Aos quatro meses, a criança está vivendo aquilo que chamamos em psicanálise de fase oral. Do que ela precisa na fase oral? De um adulto fixo na vida dela, não importa quem seja – pai, mãe, babá, empregada ou avó. Um adulto que lhe dê duas coisas fundamentais. A primeira, prazer oral. A criança de quatro meses interage com o mundo por intermédio da boca. Todas as vezes que manifesta sua afetividade, ela o faz por meio de sons, com a boca. Nesse momento, é necessário que o adulto que cuida da criança atenda-a pela boca, oferecendo prazer oral, ou seja, mamadeira, seio, chupeta. A segunda coisa fundamental é que sempre seja a mesma pessoa a cuidar dessa criança.

Na fase oral, os pais podem ficar ausentes muito tempo, mas, quando chegarem em casa e quiserem ter contato com a criança, devem sempre começar essa relação junto com quem ficou cuidando da criança. Se foi uma empregada, pedimos à mãe que, ao chegar em casa,

peça para a empregada não ir embora logo, que fique um pouco mais, para que aconteça um processo, um fenômeno que chamamos de “contaminação”. “Contaminar” a figura da mãe com a figura da empregada que ficou o dia todo fornecendo prazer e cuidado à criança.

Mais tarde, quando o bebê estiver em outra fase, que começa aos 18 meses, a fase anal, pedimos aos pais que passem um pouco mais de tempo com o filho, para que definam que rotina vão imprimir na vida da criança. Se ela vai para escolinha ou não, por exemplo. Ficar um pouco mais de tempo com ela é importante, porque a criança vai precisar dessa identificação mais íntima, mais afetiva.

Já em relação à culpa que esse homem sente como pai, eu diria que é difícil falarmos em culpa numa sociedade como a de hoje, que chamo de *sociedade anestesiada*. Não sabemos muito bem o que estamos procurando. Buscamos o bem-estar, só que materializamos essa ideia. A sociedade toda faz isso. Hoje, para qualquer coisa que vamos fazer, é preciso uma estrutura econômica mínima, que não é um salário mínimo, é muito mais. Os adultos têm dois, três empregos, estão ocupados no fim de semana, não existe mais o repouso semanal e, quando existe, não sabemos muito bem o que fazer com ele. As pessoas estão procurando algo que lhes dê uma sensação de suavidade, de alegria, de prazer e vão buscar isso em lugares onde a afetividade não existe, como um *shopping*.

Conheço adultos que, no fim de semana, precisam beber num bar ou beber com os amigos, em casa, para ter a sensação de que fizeram alguma coisa prazerosa. Então, é difícil falar em culpa. A sociedade cobra a ausência dos pais, por isso, não chamaria esse sentimento de culpa. Gostaria de inventar um novo nome para isso. Queria também aliviar a culpa desse pai, mostrando-lhe o seguinte: o tempo que ele

puder passar com o filho de quatro meses acordado, que fique com ele no colo. É preciso que ele lembre que o prazer que o filho sente é o prazer oral. Olhe muito nos olhos dele, fale muito no ouvido dele, mesmo que seja por pouco tempo. O importante é que esse contato exista. Claro que, se puder favorecer o filho com mais presença, não tenha dúvida de que vai gastar muito menos em psiquiatra, psicólogo e psicopedagogo no futuro.

> Professor Ivan, muito se fala também de qualidade do relacionamento entre pais e filhos, muito mais do que em quantidade de tempo. Você concorda?

– Concordo, desde que definamos claramente o que é qualidade de relacionamento. Se o tempo mínimo for um tempo afetivo, tempo de cuidados, é claro que vale mais do que muito tempo sem afeto, sem cuidados necessários. Reforçamos a ideia de que criança precisa de afetividade. Afetividade é poder fazer com que essa criança receba de nós o contato físico, o contato verbal, os cuidados. O tempo que passamos com um filho, cuidando, pode ser brincando, oferecendo alimento, trocando fralda, brincando com ele no colo, tendo um contato corpo a corpo. Isso é qualidade e, por pouquíssimo que se faça, a criança recebe muito bem.

Alguns pais, por se sentirem culpados, imaginam que, quando estão com o filho, só podem dar prazer para essa criança. Então, revertem o sentido de qualidade, fazendo com que as crianças percam o horário de dormir, porque passaram o dia inteiro longe e querem manter o filho acordado para vê-lo. Aí, os pais começam a prejudicar a qualidade e instituir uma relação perigosa e até invasiva na vida dos filhos.

> Não é raro encontrarmos famílias nas quais mãe e pai trabalham fora. Como ficam as funções de cuidado dos filhos?

– Peço a esses pais que trabalham fora que, quando chegarem em casa, lembrem-se de que têm filhos. Isso significa que não vão poder descansar muito, não, porque vai estar na hora de fazer a lição com o filho, de ouvir o adolescente, de dar limite, de ter uma briga. Lembra que falei sobre os conflitos? Eles são muito importantes. Não é ruim brigar. O ruim é brigar e ficar indiferente. Mas brigar e depois conversar é sempre muito bom, a gente cresce com isso.

A convivência familiar, quando os pais chegam do trabalho, é muito importante. Conheço pais que chegam em casa antes das esposas e fazem o jantar. Isso é muito bom para os meninos, para os filhos homens. Mas precisamos lembrar que, às vezes, o casal trabalha fora, volta para casa e um fica esperando do outro que assuma as funções ou ficam os dois esperando que os filhos já tenham feito tudo. Filho precisa de raiz, precisa de pai e mãe, por isso, os pais têm de pensar que, na hora que termina o trabalho, eles têm de começar um novo trabalho: convivência com os filhos, cuidado com eles, oferecimento de atenção, afeto, limites etc. Devem evitar muita TV, muito videogame, e ficar junto, conversar, contar casos, estar presente, tocar, beijar. Às vezes, os pais chegam em casa e os filhos estão saindo, quer dizer, a convivência é zero. É muito bom trabalhar, mas é muito bom também não esquecer que o papel de pai e mãe tem de aparecer à noite em casa.

> Uma mãe quer saber o que fazer para que sua filha de dois anos e meio a respeite mais. Ela diz que passa com a criança somente meia hora por noite – das onze e meia à meia-noite.

– A primeira coisa que tenho para falar é que é muito pouco tempo para ficar com uma criança. Deve haver alguma maneira de a mãe aumentar o tempo que passa com ela, porque das onze e meia à meia-noite elas devem estar cansadas e o relacionamento fica complicado.

A segunda coisa é que fazer os gostos da filha é não dar limite. Melhoramos o relacionamento com nossos filhos construindo limites. Limite é uma condição, é a imposição do desejo do pai sobre o filho, é o cuidado. Nessa meia hora, a mãe consegue cuidar de alguma coisa da criança, como alimentação, banho, higiene dos dentes? Se a mãe ficar só fazendo as vontades da filha, vai perder seu papel de mãe e ficar como uma irmã, que faz os gostos da criança e, assim, ela não vai respeitar a mãe.

A mãe deve, de alguma maneira, participar de situações nas quais possa dar limites para a filha: o banho, a comida, a escolinha. É preciso uma rotina mais extensa do que meia hora por dia.

> Como deve agir a mãe que, para compensar sua falta de tempo, cuida demais, superprotege? Uma mãe diz que o filho não gosta que ela o leve para a escola.

– Antigamente, tínhamos uma fantasia, um preconceito muito grande sobre a superproteção. Na verdade, existe uma diferença entre cuidar demais e superproteger. Algumas mães e alguns pais temiam tanto perder os filhos que não permitiam que eles tivessem desejos próprios. A superproteção era uma coisa mais ou menos assim: a mãe dizia não para o filho e não permitia que ele tivesse qualquer sentimento contrário. Isso adoecia os filhos.

Cuidar é diferente. Quando cuido de um filho, não importa se é com exagero ou não, digo para ele: “Vou levar você para a escola quer você goste ou não. Você tem a liberdade de não gostar, mas vou te levar, mesmo você não gostando”. Quando permitimos que os filhos tenham individualidade de sentimento e cuidamos deles, isso não é superproteção, é só cuidado. A superproteção é quando impedimos que eles sintam raiva de estarem sendo cuidados. Cuidar é a coisa mais chata do mundo. Imaginemos que tarefa incrível para uma mãe ou um pai dizer para um filho de sete, 14 ou 21 anos: “Filho, vai escovar os dentes antes de dormir!”; “Não esqueça de escovar os dentes!”; “Venha escovar os dentes”. Já imaginou que coisa difícil pedir para alguém escovar os dentes? Os amigos nunca falam de escovar os dentes. Se alguém for dormir sem escovar os dentes, para os amigos, fica tudo em ordem. Mas, para o pai e para a mãe, não, porque eles sabem que vai haver prejuízo. Então, o filho vai escovar os dentes reclamando, temos de deixá-lo reclamar, mas fazê-lo escovar os dentes.

É a mesma coisa quando o assunto é levá-lo à escola. Ele não precisa gostar. A mãe quer levar. Mas deve permitir que ele grite, xingue, que se jogue no chão, que se unhe, que quebre todos os brinquedos ou, se ele for adolescente, que rasgue a mochila, mas continue levando. A mãe precisa respeitar o seu sentimento de cuidar e respeitar a crise que o filho vai ter por ela estar cuidando. O que não

pode é imaginarmos que vamos cuidar e o outro vai gostar de estar sendo cuidado. Ninguém gosta de estar sendo cuidado, mas, quando deixa de ser cuidado, pede para ser cuidado. A desobediência é a maior prova – uma criança desobediente está pedindo cuidado.

Aprendendo a amar

> Uma professora conta que assistiu a uma de suas palestras e quer saber se a homossexualidade está ligada à fase de latência, quando a pessoa se identifica com o sexo oposto.

– Sim, está ligada à questão afetiva e não à questão hormonal, física. Está ligada a uma escolha inicial, à primeira forma de amor. A primeira forma de amor, que ocorre na fase de latência, dos seis aos 11 anos, é homossexual. Se repararmos os meninos de primeira série, veremos como eles se abraçam, se jogam juntos no chão. Quando a mãe pergunta para o filho normal de seis ou sete anos "como chama sua namorada?", ele responde "Mulher? Tá louco! Eu nunca vou casar". E ele fala só do Rodrigo, do Bruno, que são os melhores amigos dele.

O pai entra na fase de latência para realizar o amor homossexual com o filho. Quando o menino começa a sentir que é amado pelo pai do mesmo sexo, vai fazer a segunda forma de amor, que é o amor heterossexual, o amor pela figura oposta. Pela mulher, no caso. E, depois, quando se tornar adulto, vai para a terceira forma de amor, que é o amor solidário, quando escolhemos que tipo de amor poderemos realizar na nossa vida. Aquela que for mais prazerosa geralmente é a que fica. Mas, se esse filho não tiver a chance de ser amado homossexualmente pelo pai – e digo homossexualmente sem sexo, sem

o físico –, ele fica sem escolha, prisioneiro de uma busca que vai tentar concluir pelo resto da vida. Vai buscar parceiros para amar, para transar, mas nem sempre haverá amor na escolha.

> Por isso é que, para elaborarmos uma forma heterossexual de amor, são necessárias as figuras materna e paterna?

– Exatamente. É por isso que precisamos de um homem e de uma mulher, não necessariamente pai e mãe. Conheço meninos e meninas que são criados por avós, por tios, por estranhos e que construíram um psiquismo sadio, equilibrado. Crianças que tiverem oportunidade de receber cuidados de um homem e uma mulher, que vivenciarem o amor de ambos e, principalmente, do cuidador do mesmo sexo, vão desenvolver sua heterossexualidade.

> O que pode estar acontecendo com uma menina de nove anos, filha única, considerada uma criança normal na escola, mas que, em casa, chora sem motivo, responde rispidamente, afirma que ninguém a entende e que o mundo é chato? A mãe relata, ainda, que a filha sempre reclama que a mãe trabalha o tempo todo e não lhe dá atenção suficiente. A mãe diz que, quando chega em casa, acompanha as tarefas escolares da filha, lê histórias para ela, brinca junto com ela e procura ser companheira. Há algo mais que possa ser feito?

– Digo a essa mãe que a principal característica de uma criança de nove anos de idade, que está num período do desenvolvimento psicológico chamado de fase de latência, é a necessidade de “namorar” um adulto do mesmo sexo. O que quer dizer isso? Que o filho homem, o menino, precisa muito do pai e a filha mulher precisa muito da mãe. Precisa ouvir sobre o que o pai é, o que a mãe é, o que o pai faz, o que a mãe faz quando estão ausentes. A recomendação que dou é a seguinte: acho que a filha está mais normal do que a mãe imagina e não está entrando na adolescência, não. Esses sinais são pedidos, pedidos que a menina pode estar fazendo à mãe, no sentido de querer a mãe. Jogar com ela, ler histórias junto com ela são coisas boas, mas já passou essa fase. O que ela precisa agora é que a mãe converse ou saia com ela, vá passear no *shopping* à noite, comer umas porcarias lá e contar de si. A mãe não deve perguntar, à filha, o que fez durante o dia, como foi na escola. Deve falar bastante de si, de seu trabalho. Se for permitido, é bom a mãe levar a menina ao trabalho quando ela estiver de folga na escola, contar das suas coisas, dos seus planos, das suas derrotas, das suas tristezas. O que a filha pode estar fazendo é pedindo uma mãe, não uma amiga. Ela não está querendo uma amiga para jogar com ela, está querendo saber da mãe. Na fase de latência, os filhos precisam muito saber se os pais estão bem ou não. Eles podem saber que os pais não estão bem, mas precisam ouvir isso dos próprios pais.

Às vezes, ficamos tão envolvidos com o trabalho e tão tristes com as coisas que acontecem, mas queremos poupar os filhos. Então, chegamos em casa e vamos jogar com eles, só que nosso olhar está triste e os filhos sabem. Os filhos sabem muito mais sobre nós do que nós deles. Falemos de nós, “namoremos” um pouco a filha, o filho, fiquemos de mãos dadas com eles e contemos de nós. Contemos tudo o que pudermos. Não os poupemos. Perceberemos uma mudança muito grande nas crianças.

> Outra mãe, que foi assistir a uma de suas palestras, pede que você dê algumas dicas para que, na fase de transição entre a latência e a adolescência, o menino possa ser o que ela chama de adulto normal.

– Entre a latência e a adolescência, não existe espaço. Termina uma, começa outra. Não existe nenhum período de descanso. O importante é que esse menino tenha uma figura masculina na vida dele, que faça o mesmo que falei na questão anterior. Que conte bastante sobre si mesmo, “namore” o filho e que os adultos que moram com esse menino se preparem para começar a escutar, já que ele vai entrar na adolescência. Ajudamos um adolescente com nossa escuta, sempre com a escuta, nunca com conselho, nunca com moral, como os pais costumam fazer. É na escuta.

Para que a latência termine bem e a adolescência comece bem, é necessário que os adultos se lembrem de que o menino precisa muito da figura masculina, não da presença, mas dos momentos em que esse pai possa conversar com o filho e falar de si. O adolescente precisa muito que o adulto o escute.

> O latente e o adolescente, muitas vezes, demonstram agressividade. Quando é necessário pedir ajuda e onde buscá-la?

– Toda a agressividade é um pedido e o pedido sempre tem de ser ouvido e aceito. Como é que se ajuda? Quando uma criança se torna agressiva, quando o adolescente se torna agressivo, é porque entrou em

jogo uma coisa chamada angústia. Para o menino, não o adolescente, sentamos junto e perguntamos o que está acontecendo, deixemos que ele fale, escutamos as queixas e falamos de nós.

Já quando o adolescente se torna agressivo, só escutamos. Não falamos nada. O adolescente precisa colocar a sua angústia no outro, como um para-raios. O adolescente precisa de um saco de lixo para colocar sua agressividade e o melhor saco de lixo para um adolescente são os pais.

> Muitos educadores dizem que está mais difícil educar os homens, porque eles demoram muito para amadurecer. O que as mulheres que têm filhos homens devem fazer para ajudá-los a crescer?

– Aqui, temos um problema que é o da natureza, o problema da genética. Nós, os homens, sempre vamos demorar mais para amadurecer, porque somos reféns de um hormônio muito complicado que se chama testosterona.

A testosterona vai fazer com que, durante a adolescência, fiquemos mais lentos, com mais sono, mais infantis, mais queixosos, mais irritados. O homem sempre vai amadurecer mais lentamente que a mulher. A maneira de ajudar é a escuta, não tenha dúvida, mas sempre nos lembrando de que a testosterona age durante o início da adolescência de uma maneira muito forte, muito intensa. Isso traz consequências para a vida do menino, a vida do adolescente: aumenta o sono de manhã, é difícil acordar e a mãe tem de ter bastante paciência; a sexualidade fica exacerbada, qualquer coisa relacionada a sexo já mexe

com o menino; há também dificuldade de pensamento associativo, e os homens, de maneira geral, por causa da testosterona, às vezes têm dificuldades de guardar datas e eventos, isso não é descaso, é dificuldade.

Como ajudamos os filhos homens? Escutando, mas lembrando que existe uma natureza que faz com que fiquem mais imaturos que as mulheres. Existe uma crença na ciência de que os homens precisam amadurecer mais lentamente para dar espaço para que as mulheres fiquem mais fortes, porque são elas que vão gerar, vão ter o neném e são elas que vão fazer a manutenção básica da família. O homem tem de estar destinado a poucas coisas.

Se ainda vivêssemos na Idade da Pedra, quando o homem saía para caçar e voltava para casa com um bicho, quem ia limpar o bicho, tirar o couro e fazer a comida seria a mulher. Então, a natureza dispôs as coisas para o homem e para a mulher de maneira a especializá-los em algumas tarefas. Temos de lembrar que existe uma natureza e existe uma psicologia. A psicologia pode ajudar os filhos homens, dizendo que os pais devem escutar, escutar a angústia deles, mas na natureza não podemos mexer.

> Os pais de uma adolescente de 18 anos se depararam recentemente com um comportamento homossexual dessa filha até então heterossexual e pedem uma orientação sua.

– Essa história de homossexualidade é uma história muito complicada. Até hoje, todos estamos tentando entender as questões

relativas à homossexualidade e à heterossexualidade.

A melhor maneira de um pai ajudar um filho é ficando junto e escutando. Fazer com que os pais percebam que não é a questão da homossexualidade e da heterossexualidade que está em jogo. Está em jogo alguma coisa, uma questão que essa moça está tentando resolver. A melhor maneira de os pais ajudarem é ficando junto, sendo parceiros dela, não cúmplices, parceiros: “Filha, estou aqui e posso te escutar”. É a única coisa que se pode fazer. Ou, então, orientar esses pais para procurar uma ajuda profissional, para poderem se questionar a respeito do que estão sentindo em relação a ela e perguntar à filha se ela quer ajuda.

Mas a melhor maneira de os pais ajudarem um filho é sempre a escuta. Para que um pai escute um filho, ele precisa abandonar toda sensação de poder que tem. Pai que escuta filho tem de se sentir impotente e só. Precisamos lembrar que não temos respostas para nossos filhos. Podemos ajudá-los a colocar a angústia em nós, mas não temos respostas para eles. As que temos são as ideais, mas eles têm de encontrar respostas reais.

> Uma mãe está vivendo um amor homossexual, mas está preocupada. Como vai lidar com esse relacionamento diante das duas filhas de nove e 11 anos?

– Minha preocupação também é com as crianças. Dos seis aos 11 anos, a primeira forma de amor que vivemos é o amor homossexual. Meninas gostam de meninas, meninos gostam de meninos. Por isso, na

escola os meninos ficam junto com outros meninos, se agarrando, lutando, jogando bola, um tentando competir com o outro, mas vivendo uma coisa que se chama amor homossexual.

Quando meninas que moram com uma mãe homossexual veem a mãe realizar esse amor com outra mulher, isso pode trazer alguma angústia para elas, porque estão na idade de se relacionar de maneira homossexual com a mãe. Maneira homossexual é ficar de mão dada, ficar no colo, dormir junto, querer usar o brinco da mãe, o sapato da mãe. Se, de repente, essas crianças percebem que a mãe ainda está na fase homossexual, realizando essa homossexualidade com outra mulher, elas podem se afastar um pouco e perder a chance de fazer o jogo homossexual com a mãe.

Meu conselho é que essa mãe tenha sempre o cuidado de ficar perto das filhas, dar muito carinho físico, sair com elas sem a companheira junto, ter intimidade com as filhas, que é para não deixar que a relação dela como mãe entre em competição com a relação dela como parceira de uma outra mulher. O mesmo podemos dizer quando a situação é de um pai homossexual diante do filho. Porém, quando o sexo da criança é oposto ao do casal homossexual responsável por ela, a falta do cuidador do mesmo sexo da criança poderá comprometer a formação de sua identidade. O ideal é que a criança, nesse período do desenvolvimento, possa sempre estar perto do progenitor do mesmo sexo.

Quando pedir ajuda para cuidar?

> Com que idade a criança está apta a dormir sozinha?

– A partir do terceiro mês de vida, ela já tem estruturas neurológicas para se defender de um sufocamento, para chorar, chamando o cuidador ao quarto dela. Tenho orientado os pais que, a partir dos 90 ou 100 dias, se a saúde da criança estiver em ordem, ela já tem condição de ir para o quartinho dela, para o bercinho dela. Eles devem deixar a porta aberta, para escutar quando ela chamar. E ela vai chamar, com fome ou com o xixi que está ardendo ou qualquer coisa assim.

> Uma mãe quer saber o que pode estar acontecendo com sua filha de dois anos, que chora várias vezes durante a noite, sonhando. Esses sonhos chorados se intensificaram nos últimos dois meses e ocorrem, em média, duas vezes por semana. A menina soluça como se estivesse chorando de verdade, mas sem lágrimas. A mãe deve ou não acordar a filha?

– A primeira coisa que me veio à cabeça foi perguntar se a mãe está grávida. As crianças têm uma reação muito parecida com essa quando

as mães engravidam de um segundo, terceiro filho.

Nos quatro primeiros anos de vida, é normal as crianças passarem pelo que chamamos de terror noturno. São espaços cerebrais, de amadurecimento cerebral, que fazem com que a criança tenha sonhos, com que meio acordada, meio dormindo, como uma espécie de zumbi e manifeste sentimentos.

A primeira coisa que eu pediria é: se a filha tem um pediatra, consultá-lo, para verificar se não seria importante solicitar um eletroencefalograma. Esse exame é um instrumento que o neurologista usa para saber se existe alguma irritabilidade cerebral, alguma disfunção que possa estar fazendo a criança ter terror noturno tão frequente. A segunda coisa a pedir é: quando esse fenômeno acontecer, a mãe deve ir até cama da filha e colocar a mão no rosto dela ou ficar de mãos dadas com ela até que o terror cesse, mas sem acordá-la.

> Outra mãe pergunta se pode ser sinal de estresse uma criança de quatro anos ranger os dentes à noite?

– O bruxismo, que é esse ranger de dentes à noite, é um sintoma simples e pode ser sinal de diferentes distúrbios. É um sinal de estresse, um sinal neurológico ou um sinal fonoaudiológico. Às vezes, a criança está com a mastigação errada, então, os músculos do rosto podem ficar tensos durante a noite. Também pode ser um sinal de ansiedade.

É necessário saber direito o que está acontecendo com essa criança, como é que está a vida dela. Com quatro anos, ela está na fase anal, fase em que mais se precisa de limites. Essa criança está tendo limites, quer

dizer, quando ela quer alguma coisa ou quando ela não quer, quem cuida dela dá limite, aguenta a frustração dela? O que gera estresse em uma criança é o seguinte processo: os pais dão limite, a criança reage gritando, chorando e os pais batem, punem ou deixam de castigo. Isso causa estresse em crianças.

Fica difícil responder sem saber como está a questão dos limites. Peço que se leve a criança ao pediatra, para uma avaliação. Às vezes, vermes podem fazer ranger os dentes à noite ou um problema neurológico ou estresse. É importante que a mãe veja que esse sintoma pode ser sinal de diferentes distúrbios orgânicos ou psicológicos, mas a pergunta essencial é: essa criança tem limites? E as pessoas que dão limites para ela aguentam sua reação de frustração quando recebe o limite? Comecemos pensando por aí.

> O pai de um menino de sete anos quer saber como melhorar ou desenvolver a concentração do filho, que anda distraído e moroso no aprendizado.

– Se a criança está distraída e é distraída em tudo, não só na escola, mas em tudo, então, seria bom conversar com o pediatra e, talvez, fazer uma avaliação psicopedagógica e neurológica.

Existem crianças que, às vezes, têm na família pais, avós ou tios canhotos e a criança, por algum motivo, tem tendência a ser canhota, mas começa a usar o lado direito. Isso traz como consequência uma morosidade no aprendizado, uma dificuldade de se concentrar e de ter motivação para aprender. É preciso verificar se não há canhotos na família e se a criança é canhota está se forçando a usar o lado direito.

Uma psicopedagoga ou uma fonoaudióloga consegue observar isso e, com um pequeno treino, mudar a orientação.

É bom também pedir ajuda para a escola, pedir para a professora observar bastante a criança, ver onde ela está sentando etc. Seria bom que o pediatra visse se ela está enxergando bem, se está ouvindo bem. Enfim, antes de pensar num problema psicológico, é bom verificar como a criança está organicamente, fisiologicamente.

> Na idade de cinco anos, como diferenciar se a criança está falando a verdade ou contando coisas de sua imaginação?

– A partir dos dois anos e meio, três anos, a imaginação da criança fica mais próxima da realidade e ela lida com a realidade brincando, imaginando. A criança pode confundir a realidade com a fantasia, em razão de sua imaturidade. Quem não pode cometer esse “pecado” são os pais e cuidadores. E como falar a verdade para a criança? A melhor maneira de falar verdade para a criança é brincando com ela, sendo muito sincero e sendo honesto com ela, mas só quando ela perguntar.

Tenho dito aos pais que não tentem ajudar os filhos a saber verdades quando eles não perguntarem sobre elas. Se o filho de cinco anos perguntar alguma coisa, basta responder honestamente, de uma maneira que ele possa entender, de preferência numa hora em que estiver brincando com a criança, brincando com algum brinquedo, jogando algum joguinho, não na frente da TV ou de outras pessoas. A partir do momento em que uma criança faz uma pergunta, ela precisa ouvir a verdade.

4. E, para finalizar...

Uma professora afirma que nossa sociedade está desenvolvendo um fenômeno muito comum chamado de indiferença. Pais não se importam com filhos e filhos não se importam com pais. Ela pergunta o que é preciso mudar nos relacionamentos familiares modernos.

– Conflitos em casa envolvem amor e raiva. Temos raiva de quem amamos, temos ciúmes de quem amamos e amor envolve conflito. Antigamente, as pessoas imaginavam que o contrário do amor era a raiva. Hoje, sabemos cientificamente que o contrário de amor é indiferença.

Conheço muitos pais que resolvem tirar férias dos filhos constantemente ou fazem os filhos tirarem férias deles. Mandam os filhos para intercâmbios em outros países, imaginando que vai ter ganhos com isso, mas, muitas vezes, o filho é imaturo. Frequentemente, mandar o filho para um intercâmbio não é uma oferta, é uma indiferença, é não se importar. Numa família onde existe indiferença não vai haver saúde mental.

Os pais precisam sempre se lembrar que os filhos não pedem para nascer. Eles são desejados pelos pais e, quando um pai deseja um filho, tem de assumi-lo pelo resto da vida. Pai não tem sossego, pai não tem férias, mas pai tem felicidade. Talvez não tenha muito prazer, mas tem felicidade. Qual é a felicidade de um pai? Imaginar que construiu um bom ser humano.

> Quando você diz que é no relacionamento familiar que encontramos nosso maior e mais profundo amor e nosso maior e mais profundo ódio, você está se referindo ao ódio mesmo?

– Ódio mesmo. A afetividade é uma linha que começa num sentimento bom e termina em um sentimento de ódio, num sentimento ruim. Temos de pensar que amor e ódio são sentimentos que pertencem à mesma classe. Sempre digo que só podemos odiar quem amamos muito.

Às vezes, ficamos decepcionados ou sentimos muita raiva de anônimos que fazem barulho na rua ou que nos desapontam por algum motivo. Mas a relação de ódio é uma relação que envolve o medo, a perda de alguém que amamos. Quando, por exemplo, a mãe vai com o filho passear no *shopping* e o filho se perde, ela entra em pânico, porque vai ser envolvida pelo medo terrível de perder o filho. Daí a pouco, ela acha o filho. O previsível é que ficasse muito feliz, abraçasse e beijasse a criança, mas ela não faz isso. Ela fica feliz e se enche de raiva e de ódio, porque o filho despertou nela o medo da perda. Todas as vezes que as pessoas que amamos, de alguma forma, quebram a expectativa de amor que temos sobre elas, nos enchemos de ódio. Por isso, precisamos

sempre estar atentos: o contrário de amor não é ódio. Ódio é presença de amor. O contrário de amor é uma coisa terrível, que se chama indiferença. Indiferença significa ausência de afeto. Ódio significa que a afetividade está em ordem, só precisamos parar, talvez, e conversar um pouco mais e repensar o que estamos sentindo. O ódio é um sinal fundamental do medo da perda do outro, do medo da perda da pessoa que amamos. Só para lembrar, o ciúme é um ódio.

> Então, o ódio faria com que as pessoas chegassem, às vezes, às últimas consequências, como pais que acabam matando filhos e filhos que assassinam pais?

– Exatamente. É ódio. Existe uma frase, de que não me lembro agora o autor, mas que diz: “amor mata”. Às vezes, pessoas que já têm problemas complicados com seu psiquismo podem matar o objeto de amor, com medo de perdê-lo: “Já que tenho tanto medo de perdê-lo e já que vou ter que perder, então, que seja por mim”. Ouvimos histórias de casais, de filhos e pais, em que o medo da perda chegou a tal ponto, que o ódio se tornou algo que, em psicanálise, chamamos de *acting out*: a pessoa vai agir para destruir aquilo que ama, para não perder para outra pessoa ou para outra coisa.

O amor é como qualquer outro sentimento, uma coisa com a qual temos de nos preocupar muito. A nossa cultura, a cultura ocidental, romantizou muito o amor. Fez do amor uma coisa romântica, sedutora, isso não é amor. Romance não é amor, sedução não é amor. Amor é essa coisa que envolve uma pessoa com outra, como uma doença, como são todos os nossos sentimentos. Temos de tomar muito cuidado com o amor. Uma crença religiosa diz que “o amor liberta”. Não. O amor

aprisiona. O amor divino, o amor espiritual, que seria a forma mais elevada de amor, este liberta, mas estamos só no início dos anos 2000. Talvez, no ano 10000, consigamos chegar a essa forma de amor libertadora. O amor é basicamente um aprisionamento do outro, uma voracidade sobre o outro. E sempre envolve o medo da perda.

> Gostaria de saber como definir o ódio fora do universo da família.

– Dificilmente, vamos conseguir definir o ódio fora do universo da afetividade. Sempre existe uma referência num grupo afetivo. Por exemplo, vamos pensar no ódio que está presente no preconceito. O que é preconceito? O preconceito é o medo de perder o meu lugar social no grupo pelo fato de haver alguém que destoa dos valores desse grupo. O preconceito em relação à cor é um exemplo. Se conseguíssemos imaginar como é que começa isso, veríamos que começa pela diferença. O negro e o branco se tornam diferentes por um motivo qualquer e essa diferença se torna ameaçadora. Sempre existe uma referência afetiva em que se baseia o ódio, o grupo étnico, o grupo religioso. Se tenho uma crença, creio que Deus tem quatro braços. Outra pessoa crê que Deus tem dois braços. Essa diferença faz com que o meu grupo, que tem essa crença em Deus de quatro braços, se sinta ameaçado. Então, tem de destruir o outro grupo.

O ódio sempre é usado como referência do medo de perder algo, e sempre existe uma afetividade, mesmo que não seja na família, pode ser num grupo que tenha identidade. O ódio sempre é a manifestação do medo da perda da identidade de um certo grupo. Na família, o ódio aparece como medo de perder o objeto de amor. No grupo maior, é o

medo de perder o objeto de crença, o medo de perder o lugar social, uma relação muito complicada. O ódio sempre aparece como medo e se torna destrutivo, *esquizofrenizante*. Ele divide coisas e é um sentimento universal, mas que pertence a uma situação na qual existe a ameaça de perder aquilo em que creio, aquilo que sinto, aquilo que acho.

> Para “construir” um bom ser humano não é preciso desejar e se esforçar para isso?

– O ser humano é um ser de desejos. Ter desejos a longo prazo, sabendo que, a cada dia que conquisto um, já sei que tenho outro, é o que nos mantém vivos e com vontade de viver. Quando não descobrimos desejos, sobrevivemos depressivamente. Ressalto, mais uma vez, que um indivíduo só descobre seus desejos se tiver limites para seus impulsos.

> Existem pessoas que não conseguem expressar seus desejos. Por que isso ocorre?

– Para ter desejo, temos de ter tido bons parceiros na vida. Os pais têm de ter tido pais cuidadosos. O que é um pai cuidadoso? É aquele que dá limite. Damos limite e aguentamos a teimosia da criança, sem falar e sem bater. Esses são os pais parceiros, que chegam para um menino de três anos e dizem: “Filho, agora você vai tomar banho!”. E deixam o filho gritar, xingar e, mesmo assim, dão banho nele, sem bater e sem punir. Esse é o pai parceiro, que faz aparecer um filho com desejo. Essa teimosia do filho vai se transformar em desejo. A frustração do filho cuja mãe não quer que ele chegue de madrugada vai

virar desejo, quer dizer, cada vez que somos impedidos de ter prazer imediato, criamos um desejo e isso nos mantém ligados à vida.

> Quais seriam, na sua opinião, os maiores inimigos do cuidado?

– O principal inimigo é o que vem para dentro da nossa casa, via televisão: valores que se difundem aí fora; o valor do prazer, por exemplo, a descrença no futuro, de que hoje se fala muito para os jovens.

Cuidar é trabalhoso, muito trabalhoso, mas vale a pena. A única maneira de mostrarmos amor para essas pessoas que não pediram para nascer é ficando próximo, não tendo medo de cuidar, não tendo medo de brigar. Podemos brigar – só brigamos com quem amamos, não se esqueçam nunca disso. Briguem mesmo, mas, depois, façam uma reparação, aproximem-se. E, se precisarem pedir desculpas, peçam, mas se aproximem de novo.

Cuidar é uma forma de tornar o outro importante. Quando paramos de cuidar, mostramos que o outro é indiferente. Todos nós precisamos de cuidado. Um exemplo é a história desses padres cantores. Todo mundo vai ouvi-los para ser cuidado, para que o padre ponha a mão, para escutar a voz dele. Isso é desejo de ser cuidado. Veja quantas crenças temos hoje, quanto misticismo apareceu. Como deixamos de ser cuidados pelas pessoas que deveriam nos cuidar, vamos atrás de quem cuide. Não tenhamos medo de cuidar. Cuidemos, demos limite, mesmo que isso custe uns vidros quebrados, uns guarda-roupas desmontados. Garanto que vale a pena.

> Pode-se aprender a amar, como se aprende a andar, a escovar os dentes? Como aprendemos as coisas mais básicas?

– Sim, se aprende a amar. A criancinha, o nenê, aprende a amar a mãe, mas não por meio do amor; aprende a amar a mãe por meio de um jogo de presença e ausência, como ter a mãe e não ter a mãe. Essa aprendizagem é muito importante, porque, quando a mãe fica presente na vida de um bebê, ela tem de se tornar uma coisa boa para esse bebê. O que é uma coisa boa? Uma coisa boa é cuidar. É trocá-lo, amamentá-lo, conversar com ele com carinho.

Nem todas as mães se tornam mães por desejo de serem mães. Algumas geram filhos mais por causa da gravidez, que é um prazer, e não conseguem imaginar que vão passar o resto da vida cuidando daquele ser que geraram. Nem todo mundo que tem filho consegue amar o filho. Algumas pessoas ficam indiferentes ao pedido de um bebê, acham que ele está muito chorão e resolvem não atendê-lo. Quando o bebê perde esse vínculo, essa possibilidade de fazer o jogo de presença e ausência com a mãe – ter a mãe, não ter a mãe –, ele não vai conseguir aprender a amar. Quando o bebê perde essa possibilidade de jogar com a presença e ausência da mãe, quer dizer, quando a mãe se torna indiferente, demora para atender ou cada hora é uma pessoa diferente que atende esse bebê, como ocorre em algumas escolinhas, ele não aprende a amar. Vai crescer uma criança dirigida a si mesma, autocentrada e não vai conseguir amar ninguém. Ela vai tomar posse das pessoas, mas não vai amá-las. Ela pode desenvolver, por exemplo, uma afetividade que a gente chama “afetividade de ausência”, que é gostar das pessoas quando elas estão longe, mas quando estão perto, ela

se afasta. Isso pode desenvolver um quadro psicótico – uma doença muito grave – pela falta da aprendizagem do amor, pela falta da aprendizagem da afetividade. Aprendemos a amar a partir do momento em que nascemos e da maneira como vamos ser cuidados pelas pessoas que nos desejaram. Se um pai ou uma mãe não aprenderam a amar, por não terem sido amados, deverão procurar ajuda de profissionais, visando a um resgate de amor-próprio, autoestima.

> Como podemos atuar na prevenção de drogas, bebida e sexo inseguro?

– A família tem uma missão, os pais têm uma missão fundamental: se vão colocar um filho no mundo, isso tem de ser feito por um desejo. Em uma noite de amor, faz-se um filho. E o desejo de cuidar? E o que significa querer ter um filho? Significa querer cuidar de um ser, para o resto da vida. Essa ideia nós não difundimos na sociedade.

Nos Estados Unidos, por exemplo, a terapia familiar está resgatando essa ideia do cuidado. Tem-se ensinado, discutido e escrito muito sobre o assunto. Antigamente, era comum as famílias americanas irem se desfazendo com o tempo: o filho ia para um lugar, a filha para outro; dali a pouco, o marido estava em um lugar, a mulher em outro e raramente se encontravam. Mas perceberam que os filhos passaram a ser vítimas de compulsões, como a droga, o sexo – esse sexo sem sentido –, divorciavam-se diversas vezes. Hoje, existe uma conscientização da família americana, do jovem americano, de que ter filho significa ter um desejo de cuidar de alguém. Cuidar é a palavra mágica para quem quer ter filho.

> Que referências mais imediatas poderíamos adotar para o resgate do cuidado?

– A mais imediata é imaginar que nós, humanos, só nos tornamos conscientes de um eu, conscientes de uma liberdade, a partir dos 21 anos e não aos 14 anos, como pretende a mãe que quer que o filho estude sem ela mandar. Toda mãe e todo pai precisam mandar o filho estudar todos os dias. Alguns têm a sorte de ter um filho que estuda sem ser mandado, mas, com certeza, esse filho precisa ser cuidado em outros setores da vida. Por isso, é preciso estar sempre junto.

Talvez esta conversa sirva para divulgar para algumas pessoas a ideia de que amor é cuidado e não romance. O amor é duro, o amor cobra, traz sofrimento, faz que fiquemos preocupados com a prova do filho. Isso é cuidado. “Puxa! Mas é assim que se tem de viver?” É assim que se tem de viver. Quando tentamos viver diferente disso, causamos a sociedade dos “Mateus” que matam no cinema, dos meninos que se suicidam. Hoje, temos um altíssimo índice de suicídio de jovens no Brasil. Por que um jovem de 15 anos se mata? Porque não foi cuidado; não porque adoeceu. Ou pode ser que ele tenha adoecido por falta de cuidado.

Temos de voltar a pensar que nós, humanos, somos bichos que deixamos aos poucos o nosso instinto e temos de entrar no mundo da cultura, e o mundo da cultura é o mundo do cuidado. Temos de aprender a nos cuidar, em tudo: na alimentação, no vestuário, na casa, na escola e na sociedade.

Para consultar

Por que as fases do desenvolvimento da criança são tão importantes? Você conhece as seis fases? “As crianças precisam passar por algumas fases na vida, para poderem crescer psiquicamente saudáveis”, explica o psicólogo Ivan Capelatto. E completa: “Embora as fases não obedeçam rigorosamente a datas estabelecidas, elas acontecem em alguns períodos de nossas vidas e precisam ser observadas, para serem compreendidas”.

A seguir, você pode conferir as características das cinco primeiras fases, com exemplos. A última fase é a adulta e sobre ela cada um faz a própria leitura. O texto que se segue é resultado de um artigo escrito por Capelatto para a revista *Vir a ser*, no quarto trimestre de 1998, e de uma entrevista feita pela jornalista Érika Pelegrino, publicada no dia 7 de novembro de 1999, no caderno “Folha Reportagem” da *Folha de Londrina/Folha do Paraná*.

Fase oral (do nascimento aos 18 meses de idade)

A oralidade é o prazer fundamental da vida humana. Nessa fase, a criança entra em contato com o mundo pela boca, daí a importância de oferecer a ela prazer oral. Para ofertar prazer oral ao bebê, é

fundamental dar o seio ou a mamadeira na hora em que ele estiver com fome. A chupeta também é essencial, porque faz parte do processo de oralização. A partir do terceiro ano de vida, a própria criança vai substituir esses objetos orais (seio, mamadeira e chupeta) por outras formas de oralidade, como cantar, falar e roer unha.

Nessa fase, o bebê deve ser cuidado por apenas uma pessoa, porque não consegue estabelecer vínculo afetivo com mais de uma pessoa. Se for cuidado pela mãe, que seja sempre a mãe; se for a avó, que seja sempre a avó; se for a empregada, que seja a mesma empregada. Quando há muita troca de pessoas que cuidam do bebê, ele começa a ter problemas de identificação, que vão aparecer na fase seguinte, a anal.

Fase anal (dos 18 meses aos 4 anos e meio de idade)

Nessa fase, o prazer do bebê está relacionado com o aprendizado do controle de retenção e expulsão das fezes. Essa é considerada a fase "mais perigosa", porque é nela que a criança vai construir a sua primeira relação de identidade e lutar para se separar de seu "cuidador". É quando ela faz uma espécie de "demarcação" de seu território, a fim de desenvolver sua personalidade: diz "não" para tudo e costuma esparramar os brinquedos pela casa.

Nesse momento, é importante manter os limites na educação e contar muitas histórias infantis, para que a criança possa organizar seus sentimentos e antíteses como bem e mal, morte e vida. As histórias infantis também ajudam a criar o superego da criança, que é o mecanismo de repressão que as defende da doença mental. As histórias

devem ser repetidas várias vezes. É na repetição da historinha que a criança vai introjetar e organizar o medo e os sentimentos que o conto e a fábula veiculam.

O que é o limite?

Limite é uma relação entre pai/mãe e filho, na qual deve ocorrer a seguinte dinâmica: o pai ou a mãe precisa dar uma ordem ou fazer um pedido ao filho que certamente vai gerar frustração e birra, gritos ou outra ordem de conduta não desejada. O limite é justamente a forma de fazer o pedido ou dar a ordem, usando aquilo que é a base do vínculo e a base da relação afetiva entre pais e filho, ou seja, o *desejo*. Então, toda ordem e todo pedido precisam conter o desejo dos pais e nunca a pedagogia que explicaria a origem do pedido ou da ordem. Por exemplo: “Filho, eu quero que você venha tomar seu banho”. Ao que o filho, não importa sua idade, vai retrucar: “Por quê?”. Nesse momento, o pai ou a mãe têm de se lembrar que o filho nasceu de um desejo e não de uma explicação, e deverão responder “porque eu quero que você vá tomar seu banho agora”, em vez de “porque está frio” ou “porque está na hora do jantar” ou “porque você tem de fazer lição” ou qualquer porquê. O limite é uma associação do pedido com o desejo dos pais ou do cuidador, sem pedagogia. Parece um autoritarismo? Não, não é; é apenas uma manifestação pura e simples do cuidado dos pais. Quando isso passa a ser o dia a dia de uma família, a criança ou o adolescente aprende a negociar, como: “Mãe, posso só terminar de assistir este desenho?”. Ao que a mãe cuidadora responde: “Claro que sim, filho!”.

Fase fálica (dos 4 anos e meio aos 6 anos de idade)

Nessa fase, o cérebro começa a reconhecer os estímulos sexuais e a criança descobre que pode tirar prazer de seu órgão sexual. Descobre também que o pai é homem e a mãe é mulher, e começa a perguntar como nasceu. Os pais devem responder, mas não contando a história da "sementinha que o papai colocou na mamãe". Peço sempre aos pais para descreverem a gravidez e o nascimento para seus filhos, desde que as perguntas já tenham começado a ser feitas, tudo na linguagem que os pais tenham, sem grandes nomes científicos e sem grandes mitos. Caso a criança seja adotada, também é a hora de contar a verdade.

Também, nessa fase, começa o interesse em uma aproximação com o pai do mesmo sexo: o menino com o pai e a menina com a mãe. Inicia-se uma relação mais afetiva com os pais. Essa descoberta da afetividade vem acompanhada do medo da perda e a criança começa a viver a "angústia do crescimento", período em que é normal perguntar se a mãe vai voltar, se não vai esquecer de buscar a criança na escola. É importante que os pais sejam benevolentes quanto ao medo dos filhos na fase fálica e mantenham contato físico com eles.

Devem também continuar contando histórias, principalmente as da família e da infância dos pais.

Fase de latência (dos 6 aos 11 anos de idade)

Essa fase é marcada pelo amor homossexual, também conhecido por amor homodirigido ou homoafetivo. O menino precisa entrar em contato com o mundo do pai, que deve falar de si mesmo, de suas experiências, de seu cotidiano. A mãe deve adotar o mesmo comportamento com a menina. É a fase de identificação da criança com a pessoa adulta do mesmo sexo e exige muito contato físico.

No caso de pais e mães que morreram, o recurso é mostrar fotos e falar muito sobre eles. Também é importante oferecer ao menino alguém que substitua o pai (avô, tio, padrinho) e à menina alguém que substitua a mãe.

Na fase de latência, surgem manias e tiques, como roer unha, morder os cantos da boca, colocar o dedo no nariz, gaguejar. As manias e os tiques não devem ser ser interrompidos nesse momento, pois isso poderia propiciar seu retorno na fase adulta.

Adolescência (dos 11 anos até não sabemos quando, em virtude da grande dificuldade de amadurecermos)

É uma fase em que o ser humano pode ficar depressivo e sofrer muito. Os primeiros sinais de depressão e sofrimento surgem com as alterações hormonais. O corpo se modifica e essas modificações geram insatisfação e sentimento de inferioridade, que podem levar à angústia.

Nessa fase, pais, educadores e todos os envolvidos com jovens desempenham um papel fundamental: o de escutar a angústia dos adolescentes. Só ouvir. Não há o que dizer para a angústia passar.

Muitas vezes, quem está angustiado pede ajuda agredindo aquele que está escutando, mas este deve continuar a ouvir.

Sobre o autor

Ivan Capelatto



É natural de Rio Claro, SP, nascido a 9 de Janeiro de 1950. Formou-se em Psicologia Clínica pela PUC-Campinas, onde também fez seu mestrado, ainda na área clínica. Atuou como professor de Psicopatologia Infantil na PUC-Campinas até 1994. Foi professor de Psicoterapia Breve Familiar na Milton Erickson Foundation Inc., Arizona (EUA), professor-convidado da pós-graduação em Pediatria do curso de Medicina da PUC-Paraná (em Curitiba) e é psicoterapeuta de crianças, adolescentes e adultos desde 1973. Pela Papirus, possui os seguintes livros publicados: *Diálogos sobre a afetividade*, *A equação da afetividade* e *Cuidado, afeto e limites*.

Outros livros do autor

CUIDADO, AFETO E LIMITES: UMA COMBINAÇÃO POSSÍVEL [+]
José Martins Filho e Ivan Capelatto

A EQUAÇÃO DA AFETIVIDADE: COMO LIDAR COM A RAIVA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES [+]
Ivan Capelatto e Iuri Capelatto

Siga-nos nas redes sociais:



>> >> >> >>

Acesse também nosso catálogo on-line

Capa: Fernando Cornacchia
Ilustração de capa: Karen Elis
Foto de capa: Rennato Testa
Coordenação: Beatriz Marchesini
Copidesque: Mônica Saddy Martins
Revisão: Ana Carolina Freitas, Anna Carolina Garcia de Souza e Paola Maria Felipe dos Anjos

ePUB
Coordenação: Ana Carolina Freitas
Produção: DPG Editora e Papirus Editora
Revisão: Roberta Munhoz Alecrim

eISBN 978-85-449-0267-7

Exceto no caso de citações, a grafia deste livro está atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa adotado no Brasil a partir de 2009.

Proibida a reprodução total ou parcial da obra de acordo com a lei 9.610/98. Editora afiliada à Associação Brasileira dos Direitos Reprográficos (ABDR).

DIREITOS RESERVADOS PARA A LÍNGUA PORTUGUESA:
© M.R. Cornacchia Livraria e Editora Ltda. – Papirus Editora
editora@papirus.com.br | www.papirus.com.br